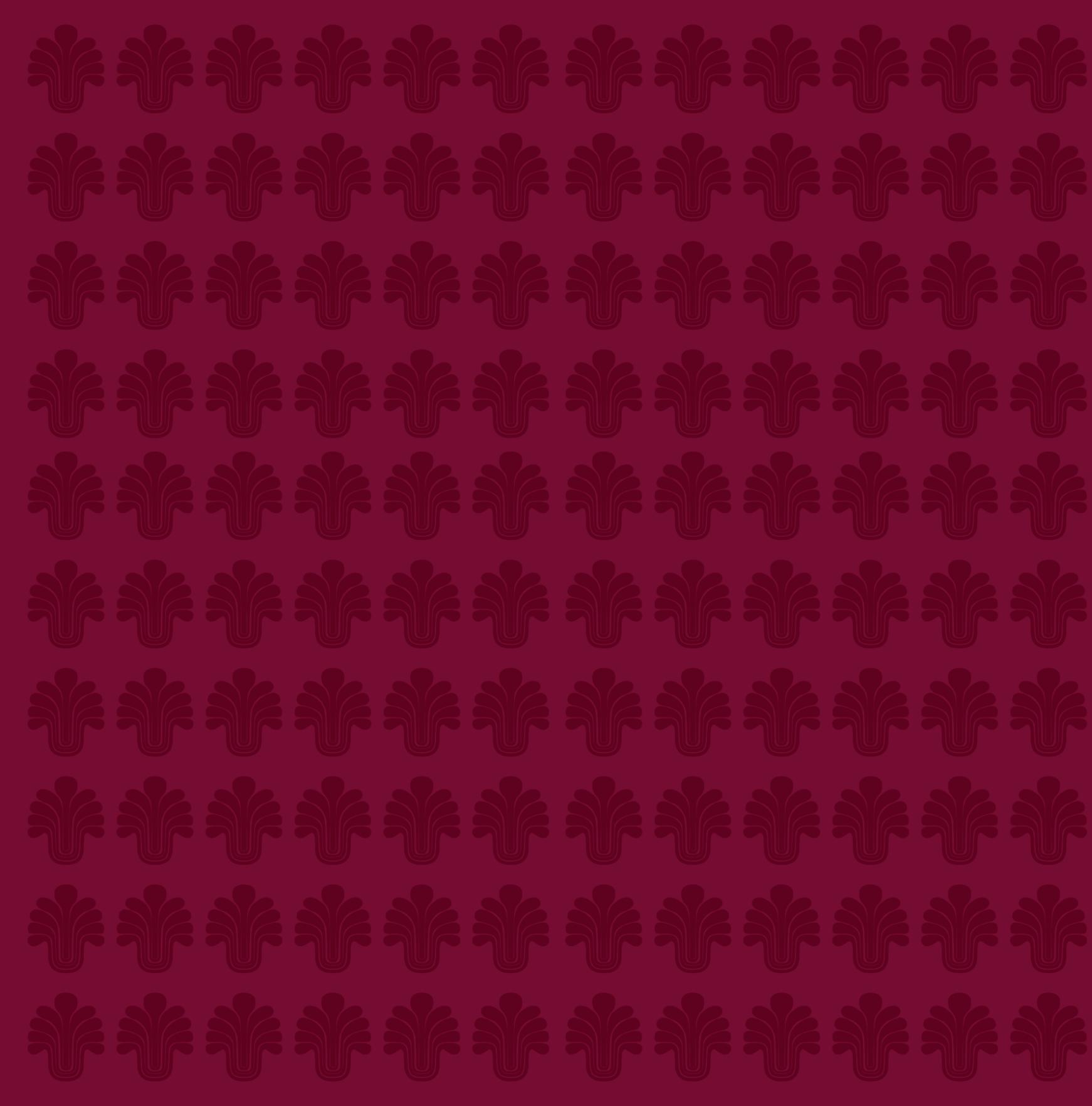


UM PASSEIO PELO  
PATRIMÔNIO CULTURAL  
DE BELO VALE

— 2024 —





# UM PASSEIO PELO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BELO VALE

Nunca fui em Belo Vale,  
mas amo esta cidade  
porque meu pai passou nela, em romaria,  
e voltou falando “Belo Vale, porque Belo Vale”,  
este som de leite e veludo.

Adélia Prado, 1978.

Trecho extraído do poema  
“*A falta que amo*”, presente no livro  
“*O coração disparado.*”

## PREFEITURA DE BELO VALE

Waltenir Liberato Soares  
Prefeito Municipal (2021 - 2024)

## SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA E TURISMO

Eliane dos Santos

## ORGANIZAÇÃO

Pólen Consultoria Patrimônio e Projetos

## COORDENAÇÃO EDITORIAL

Viviane Corrado de Andrade

## PESQUISA E REDAÇÃO

Kleverson Teodoro de Lima

## REVISÃO

Magna Angélica Oliveira Rodrigues

Tarcísio Martins

## FOTOGRAFIA

Júnior Vitarelli

Felipe Gabriel Teixeira

Foto capa: Felipe Gabriel Teixeira, 2024

Foto contra capa: Imagem capturada de drone modelo  
DJI Mini 2, 2024.

## PROJETO GRÁFICO

Marco Antônio Porto Souza (Porto Design)

## IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gráfica Trena (Rio de Janeiro/RJ)

## CONSELHO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO

## HISTÓRICO, CULTURAL, ARTÍSTICO E

## NATURAL DE BELO VALE

### Membros Titulares

Eliane dos Santos

Rânea Luíza Valdeiza Lima

Kelly Cristina dos Santos Souza

Walter Luis Queiroz Torres

Tarcísio Martins

João Paulo César dos Santos

Maurício Cordeiro da Mata

Élice Maia Moraes

### Membros Suplentes

Vivian Neide dos Santos Teixeira

Maria Célia de Moura Damasceno

Wiler Geraldo dos Reis Pereira Júnior

Amanda Luana da Silva

Romeu Matias Pinto

Antônio Matias Pinto

Maria Aparecida Dias

Karina Silveira Lopes

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

BeLO VALE (MG). Prefeitura. Secretaria Municipal de Cultura e Turismo

Um passeio pelo patrimônio cultural de Belo Vale / Prefeitura do município Belo Vale ; [organização Pólen Consultoria Patrimônio e Projetos ; coordenação Viviane Corrado de Andrade ; pesquisa e redação Kleverson Teodoro de Lima]. --

2. ed. -- Belo Vale, MG : Pólen Consultoria Patrimônio e Projetos, 2024.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-985525-0-3

1. Belo Vale (MG) - Patrimônio cultural 2. Cultura - Brasil - História  
3. Patrimônio cultural 4. Patrimônio cultural - Belo Vale (MG)

I. Pólen Consultoria Patrimônio e Projetos. II. Andrade, Viviane Corrado de.  
III. Lima, Kleverson Teodoro de.

24-239363

CDD-981.0151

### Índices para catálogo sistemático:

1. Belo Vale : Minas Gerais : Patrimônio cultural : Memória e preservação : História 981.0151

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# SUMÁRIO

CUIDAR DO PATRIMÔNIO CULTURAL 05

UM PASSEIO PELO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BELO VALE 06

CACHOEIRA DOS MASCATES 16

RIO PARAOPÉBA 18

URNA FUNERÁRIA INDÍGENA 19

MARCO DE SANTANA 20

CAMINHOS CALÇADOS 22

CAPELA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE 24

IGREJA DE SANT'ANA 28

MEMORIAL DE SANT'ANA 32

FESTA DE SANT'ANA 36

IGREJA MATRIZ DE SÃO GONÇALO DA PONTE 38

IMAGEM DE SÃO GONÇALO 44

RETÁBULO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VARGEM DE SANTANA 45

RUÍNAS DA FAZENDA DA CHÁCARA 46

RUÍNAS DA FAZENDA CASAS VELHAS 48

FAZENDA BOA ESPERANÇA 50

CONSTRUÇÕES DOS SÉCULOS 18 E 19 54

CASA DA BICA 59

CASINHA VELHA 60

PONTE FERROVIÁRIA 62

PONTE EM ARCO DO ARROJADO 64

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ARROJADO LISBOA 66

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE BELO VALE 68

ARQUITETURA ECLÉTICA 72

CASARÃO DOS ARAÚJO 74

HOTEL PARAÍSO 78

ARQUITETURA ART DÉCO 80

IGREJAS CONSTRUÍDAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO 20 82

BANDA DE MÚSICA SANTA CECÍLIA DE SÃO GONÇALO DA PONTE 86

CONGADO 88

FOLIA DE REIS 90

RODA DE CAPOEIRA 91

SEMANA SANTA 92

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA CHACRINHA DOS PRETOS E DE BOA MORTE 94

MUSEU DO ESCRAVO 100

BIBLIOTECA MUNICIPAL DONA MARIA JOSÉ JACQUES PENIDO 104

DOCUMENTOS MANUSCRITOS 106

FONTES IMPRESSAS 107

FONTES ICONOGRÁFICAS 108

BENS INVENTARIADOS, TOMBADOS E REGISTRADOS EM BELO VALE 119

PATRIMÔNIO CULTURAL PROTEGIDO DE BELO VALE 121

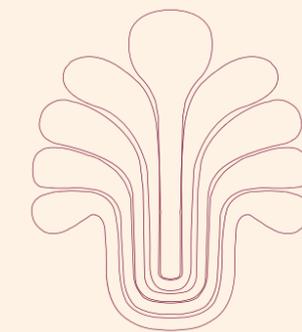
BENS CULTURAIS INVENTARIADOS 124

REFERÊNCIAS 129



Foto: Júnior Vianelli, 2020.

# CUIDAR DO PATRIMÔNIO CULTURAL



**Cuidar do patrimônio cultural** é uma tarefa que exige atenção e dedicação constantes, um desafio que se renova a cada dia. Em Belo Vale, essa tarefa se torna ainda mais significativa à medida que novos bens são reconhecidos e recebem a proteção que merecem. A preservação desses bens não é apenas um ato de zelo, mas um compromisso coletivo que envolve vigilância e conscientização. Cada bem traz consigo uma história única; reconhecê-lo e valorizá-lo permite-nos entender melhor sua trajetória e nosso papel na sua proteção.

Com objetivo de ampliar o alcance e promover a difusão dessas ações, temos a alegria de apresentar a segunda edição do livro "Um Passeio pelo Patrimônio Cultural de Belo Vale". Esta nova publicação reforça a valorização da história do nosso município e apresenta atualizações importantes, como os novos bens que foram protegidos e obras que têm sido realizadas para garantir a preservação desse nosso tesouro.

Este livro é um guia para aqueles que desejam explorar e compreender melhor o que torna Belo Vale um lugar tão especial. Convidamos você a embarcar nesta viagem pelo nosso patrimônio. A cada página, você encontrará um pouco da nossa história e das referências culturais que formam quem somos e moldam nosso modo de viver, além dos esforços que estão sendo realizados para a conservação desse valioso acervo.

Ao disseminar o conhecimento e a valorização do nosso patrimônio, cada um de nós se torna um agente de cuidado e transformação. Juntos, podemos garantir que as próximas gerações continuem a vivenciar o rico legado de Belo Vale.

Você é nosso convidado especial! Embarque conosco neste trem da história!

**Waltenir Liberato Soares**  
Prefeito Municipal de Belo Vale

**Eliane dos Santos**  
Secretária Municipal de Cultura e Turismo

# UM PASSEIO PELO PATRIMÔNIO CULTURAL DE BELO VALE

## A HISTÓRIA DA NATUREZA

A nossa história vem de longe, de muito longe. A nossa história sobe e desce pela Serra da Moeda, atravessa o Rio Paraopeba e os cursos d'água que nele desaguam e caminha por esta paisagem em que a Mata Atlântica começa a virar Cerrado.

Um dia, toda essa paisagem foi das plantas e dos animais que nela habitavam. Eles ocupavam a parte alta da serra e a região baixa recortada pelo rio.

## OS HUMANOS CHEGARAM

Um dia, há milhares de anos, os seres humanos começaram a andar pela Serra da Moeda. Eles viviam da caça e da coleta de frutos e raízes, não se fixavam nos territórios, viviam em trânsito, de lugar em lugar, em busca de alimentos, e dormiam em pequenas cavernas. Eles deixaram poucos rastros sobre suas passagens, sobraram apenas imagens que ainda decoram as paredes de alguns abrigos na serra.

Depois deles, muito tempo depois, vieram novos grupos humanos. Eles chegaram na Serra da Moeda no rastro das migrações que, durante milhares de anos, atravessaram o território brasileiro, a partir das faixas litorâneas, da região central ou do sul. Habitando as margens e as colinas do Rio Paraopeba, as sociedades indígenas desenvolveram conhecimentos sobre o clima, o regime das chuvas, os biomas e os solos, passaram a praticar a agricultura e a criar objetos para as necessidades do dia a dia aproveitando as madeiras, pedras e argilas que encontravam na região. Com esses objetos, caçavam animais, coletavam plantas e frutos, assavam e cozinhavam seus alimentos. Faziam machados, ferramentas de cortes, potes, tigelas e urnas funerárias para enterrar seus mortos. Ao viverem entre o rio e a serra, começaram a dar nomes às coisas que existiam na paisagem, como Parahypeba (Paraopeba): rio do peixe chato ou rio das águas rasas.

## INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DE MINAS GERAIS

Houve um tempo, muito tempo depois, em que chegaram novos seres humanos. Eram os bandeirantes paulistas, que vinham lá do litoral e que se embrenharam pela Mata Atlântica.

Eles vestiam roupas diferentes e falavam de forma diferente, uma mistura de palavras indígenas e de palavras de outra língua: o português. Eles vieram atrás de riquezas minerais, de terras para serem colonizadas e de indígenas para serem escravizados. Depois deles, nada mais seria como antes.

Esses bandeirantes faziam parte da expedição de Fernão Dias Paes. Ele tinha mais de sessenta anos nessa época, possuía uma longa experiência com expedições e sonhava em encontrar nas paragens a Serra do Sabarabuçu, uma montanha lendária onde existiriam muitas esmeraldas. A expedição deixou a região paulista em 1674 e entrou em Minas.

Quando chegaram na região central de Minas Gerais, desceram a paisagem junto com o Rio Paraopeba, seguiram pelo nosso lado da Serra da Moeda e criaram um pouso, que passou a se chamar São Pedro do Paraopeba. Enquanto alguns membros ficaram no pouso a fim de levantarem edificações e criarem um roçado, estratégia recorrente para abastecer de suprimentos as viagens dos bandeirantes, os outros

seguiram trecho para os lados de Sabará e Lagoa Santa, onde encontraram ouro nas margens dos córregos e rios. A tal Serra do Sabarabuçu, com o tempo, tornou-se uma lenda, mas a quantidade de ouro que começaram a encontrar nessa nova região era real, e assim passaram a fundar povoados na região recortada pelo Rio das Velhas.

## E FOI CHEGANDO GENTE, MAIS GENTE

Depois dos bandeirantes, outros aventureiros tentaram a sorte no nosso lado da Serra da Moeda, no Médio Paraopeba. Vieram atrás de ouro, mas, por um capricho da natureza, ouro mesmo, em grande quantidade, estava do outro lado, onde surgiram os arraiais que deram origem à Vila Rica (Ouro Preto), Vila do Carmo (Mariana), Vila de Sabará e Vila de Caeté.

Do lado de cá, não tinha muito ouro, mas tinha terra boa para plantar e criar animais: terra para viver e montar fazendas. À medida que os povoados começaram a crescer ao longo das serras do Itacolomi, da Piedade, do Caraça, de Ouro Branco e do Curral, aumentando a procura por alimentos, chácaras e fazendas surgiram no nosso lado, e a partir delas formaram-se pequenos núcleos urbanos: os arraiais.

Nessa época, três povoados surgiram entre o Rio Paraopeba e a Serra da Moeda: São Gonçalo da Ponte, Nossa Senhora da Boa Morte e Santa

Cruz do Salto. Ligando esses arraiais, apareceram diversas trilhas e as primeiras estradas. Boa Morte ficava em um lugar estratégico para quem, atravessando a serra, viajava de Vila Rica para São Gonçalo da Ponte. São Gonçalo da Ponte, instalado próximo ao Rio Paraopeba, transformou-se em uma área importante para os viajantes que seguiam para outras paragens, como São Pedro do Paraopeba. Santa Cruz do Salto servia como ponto de passagem para aqueles que vinham de Congonhas ou da Vila de São João del-Rei.

E veio gente de tudo quanto é lado. Gente vinda da colônia e do Reino de Portugal, e gente que não era tratada como gente, trazida da África como prisioneiros, com os pés e as mãos acorrentados. Eles eram jogados dentro dos navios e, a partir daí, tudo mudava: a terra natal ficava para trás, e os filhos nunca mais saberiam sobre os pais. A escravidão era uma máquina de destruir pessoas, relações e lembranças, e foi a base da economia de Minas Gerais por mais dois séculos.

### VIVENDO NA ÉPOCA DA COLÔNIA

O viajante que passava por São Pedro do Paraopeba, São Gonçalo da Ponte ou Boa Morte deparava-se com um cenário comum a outros arraiais criados em Minas Gerais durante o século 18.

Nos núcleos urbanos, existiam as ruas principais, as vielas e os becos, as capelas, as residências cercadas por muros de pedra, os comércios de secos e molhados e as oficinas dos ferreiros, sapateiros, latoeiros e alfaiates. Tinha gente na rua movimentando a vida, construindo casa, andando a cavalo, vendendo bolos e frutas, carregando lenha e passando com as tropas de mulas oferecendo todo tipo de coisa.

Ao sair dos núcleos urbanos e pegar as estradas de chão batido, apareciam as regiões rurais, onde existiam pequenas chácaras e fazendas voltadas para a produção agrícola e a criação de animais. Delas saíam o milho, a carne verde (in natura), a carne salgada, o toucinho, o queijo, as frutas, a farinha de milho triturada nos moinhos, a rapadura e a cachaça feitas em pequenos engenhos e alambiques. Essas mercadorias eram vendidas pelos tropeiros em diferentes regiões. Boa parte ia para as vilas que ficavam do outro lado da Serra da Moeda. Outra parte seguia por Jeceaba e São Brás do Suaçuí e chegava a outras praças, como São João del-Rei, Tiradentes e o Rio de Janeiro. O que se produzia aqui ia parar longe, e de longe também vinham muitas coisas que não existiam por aqui, como tecidos finos, bijuterias e vasilhames.

Nas estradas, viviam também os pedreiros, carpinteiros, marceneiros, entalhadores, escul-

tores e pintores responsáveis pela construção das casas e capelas dos núcleos urbanos e das fazendas. Capela de Sant'Ana, Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, Capela de São Gonçalo da Ponte, Capela de Santa Cruz do Salto, Capela de Nossa Senhora da Conceição, todas foram construídas por esses oficiais mecânicos e pelos grupos de trabalhadores livres e escravizados que faziam parte de suas empresas. Não existia liberdade religiosa nessa época, apenas o catolicismo era permitido, por isso as manifestações religiosas ligadas ao protestantismo, ao judaísmo e às matrizes africanas e indígenas eram realizadas de maneiras mais veladas, escondidas, longe dos olhos que vigiavam o cotidiano da fé.

### QUANDO O OURO ERA ABUNDANTE

Houve um tempo, isso entre os anos 1700 e 1750, em que o ouro foi tirado em grande quantidade, tempo em que muitos negócios foram feitos, que a população cresceu e que surgiram casas e igrejas cada vez maiores e mais belas. Foi nessa época que os portugueses Manoel Sobreira e o Manoel Machado, percebendo que poderiam lucrar com o abastecimento da crescente população, resolveram investir na região do Rio Paraopeba, onde construíram fazendas e capelas, como a de Sant'Ana em São Pedro do Paraopeba. Outras fazendas foram surgindo

nessa época, a Fazenda de Santa Cruz do Salto, a Fazenda da Chácara e a Fazenda da Grotá.

### QUANDO O OURO DIMINUIU

Houve também um tempo, isso depois de 1770, em que os veios de ouro foram escasseando nas Minas Gerais, diminuindo, diminuindo, restando poucas lavras ativas. Muita gente achou que seria o fim e começou a migrar para outras regiões, como o sul e a Zona da Mata de Minas Gerais. Mas a vida não parou, quem ficou foi se adaptando, tocando a vida em frente e investindo na força dos produtos que saíam das fazendas. Foi nessa época de tendência de queda da produção do ouro em Minas Gerais que a Fazenda Boa Esperança foi construída próxima ao povoado de Boa Morte.

### O TEMPO DA COLÔNIA FICOU PARA TRÁS, VEIO O TEMPO DO IMPÉRIO

O século 18 acabou, veio o 19 e algumas coisas mudaram: teve a vinda do rei de Portugal e de sua corte para o Brasil, a Independência do Brasil e o início do tempo do Império. Tempo dos Pedros e dos grandes fazendeiros, comerciantes e negociantes de escravizados no topo do poder. Tempo dos barões e das baronesas.

Tempo do Barão de Paraopeba, homem influente na política mineira na época do Império, que tinha terras a perder de vista, terras que

se estendiam entre Belo Vale e Congonhas. O Barão de Paraopeba era o dono da Fazenda Boa Esperança, um belo exemplar das antigas fazendas de Minas Gerais, onde ele vivia com sua família e sobrevivia dos seus investimentos baseados no trabalho escravizado.

Na época do Império, assim como foi na era da colônia, a maioria dos habitantes que vivia no Brasil pertencia à população pobre: o baixo poder econômico atingia os indígenas que se adaptaram a este novo modelo de vida, os brancos e os negros (pardos e pretos), sendo que parte destes últimos vivia na condição de escravizados. Os ricos, como o Barão de Paraopeba, formavam uma pequena parte da população, nesta classe social se destacavam as famílias brancas. Era uma sociedade escravocrata, violenta, marcada pela desigualdade social, pela intolerância religiosa herdada da Europa e por muitos conflitos.

Por isso, veio o tempo de contestar a monarquia dos Pedros, a escravidão, o atraso tecnológico e a vida que parecia mudar lentamente durante o Brasil Império. A partir da Europa sopravam os ventos de mudanças representados pelo liberalismo, pela República e pela Revolução Industrial, e por aqui eles chegaram com mais força no final do século 19. Em 1889, a monarquia caiu com o Golpe Militar liderado pelo Marechal Deodoro da Fonseca: a Repúbli-

ca iniciou-se com governos instáveis e autoritários, inaugurando uma nova era na história brasileira.

### **A MONARQUIA SAIU DE CENA E VEIO O TEMPO DA REPÚBLICA**

No plano das ideias, o Brasil caminharia para se transformar em uma sociedade liberal, republicana e industrial, até houve um certo crescimento de instalação de fábricas, da classe média e da classe intelectual neste período, mas na prática a Primeira República continuou sendo dominada econômica e politicamente pelos grandes fazendeiros do país, principalmente pelos produtores e exportadores de café. Nessa época ocorreu no Brasil uma “modernização conservadora”.

Em nossa região, esta modernização chegou no início do século 20, em forma de trilhos de ferro, de pontes de ferro, de estações ferroviárias, de locomotivas a vapor e de novos modelos arquitetônicos. O Ramal Paraopeba cruzou a paisagem de São Gonçalo da Ponte, que, a partir desta época, passou a se chamar Bello Valle, criando uma nova rota para quem viajava entre Belo Horizonte, a nova capital de Minas Gerais, e o Rio de Janeiro, então capital do país. Em 1917, a estação de Belo Vale foi inaugurada.

### **O DISTRITO DE BELO VALE SE TORNOU MUNICÍPIO**

O Ramal Paraopeba provocou mudanças na vida dos habitantes de Belo Vale. O número de moradores aumentou, novos estilos de construir residências e comércios passaram a ser utilizados, pequenas fábricas foram instaladas, pousos foram abertos para acomodar os viajantes do Ramal Paraopeba e novas experiências artísticas passaram a fazer parte do nosso cotidiano, como os grupos musicais que se encontram na origem da Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte. Nesse ambiente de mudanças experimentadas durante as primeiras décadas do século 20, o município de Belo Vale foi instalado, fato que ocorreu no dia 01/01/1939. Até então, Belo Vale tinha sido parte dos domínios de Ouro Preto, de Conselheiro Lafaiete e de Bonfim. A partir da instalação do município, começamos a escrever uma nova história.

### **BELO VALE SEGUIU SEU RITMO**

Atualmente, o município de Belo Vale é composto por seis distritos: Distrito-Sede; Santana do Paraopeba; Boa Morte; Chácara dos Cordeiros; Roças Novas dos Bandeirantes; e São Sebastião das Lages. Nestas localidades, residem cerca de 8.627 habitantes, conforme o censo realizado em 2022: metade da nossa população vive em áreas urbanas e a outra

continua nas regiões rurais, espalhada por povoados como Coqueiro de Espinho, Curral Moreira, Vargem de Santana, Noiva do Cordeiro, Engenho, Paivas e Troia. A nossa vida se fez e ainda se faz assim, desse modo, atravessada pelas paisagens urbanas e rurais, onde sobrevivem hábitos e costumes que desenham nossa identidade. Somos, com orgulho, um pouco de cada um.

Desde a emancipação em 1938, assistimos vários acontecimentos: o fim da Era Getúlio Vargas, o nordeste de Luiz Gonzaga invadir as rádios, os anos liberais de Juscelino Kubitschek, a Bossa Nova conquistar o mundo, a chegada da televisão, os movimentos de contracultura, o ser humano chegar à lua, o Brasil ser tricampeão na copa do mundo, os difíceis tempos da Ditadura Militar, os pés de mexerica se espalharem pelos nossos morros e vales, a volta da experiência democrática e o mundo ser invadido pelas novas formas de comunicação, como a internet e os telefones celulares.

Assistimos gente indo embora atrás de novas oportunidades, gente ficando e continuando a vida, o crescimento da sede municipal de Belo Vale, o surgimento de organizações que se preocupam com a natureza e as nossas memórias, como a Associação do Patrimônio Histórico, Artístico e Ambiental de Belo Vale (APHAA-BV) e o Museu do Escravo, e o nascimento de

uma nova mentalidade que deseja equilibrar as necessidades do desenvolvimento e da preservação em nosso município.

Olhamos para trás e nos vemos no tempo. O tempo da natureza, dos grupos de caçadores e coletores, dos povos indígenas, da colônia, do império, dos trens de passageiros, tudo isso ficou para trás. Mas de cada um desses tempos ficou um pouco dentro de nós, nas nossas matas e nos cursos d'água, no nosso jeito de falar, na nossa maneira de fazer a comida, de contar um caso e nas nossas formas de crer e de pensar.

O presente tem um pouco do passado, assim como o passado tem um pouco do presente. Esta publicação é um convite para que o leitor viaje pela história de Belo Vale através do seu patrimônio natural e cultural, essa nossa riqueza, onde todos esses diferentes tempos se fundem.

---



Tonho do Abílio, morador de Belo Vale.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

*No cotidiano, no dia a dia, constrói-se a vida.*

*As memórias são pedaços da vida, pedaços que sobreviveram à passagem do tempo.*

*A história junta esses pedaços para tentar recriar a vida que foi e a vida que ainda é.*

---

## A SERRA

---



*A serra eleva-se na paisagem de Belo Vale.*

*A nossa história sobe, atravessa e desce pela Serra da Moeda.*

*Uma história que vem de longe, de muito longe.*

## O VALE

---



*Lá embaixo, fica a paisagem ondulada, o rio, os povoados, as pessoas.*

*Lá embaixo, fica a cidade, o vale, o Belo Vale.*

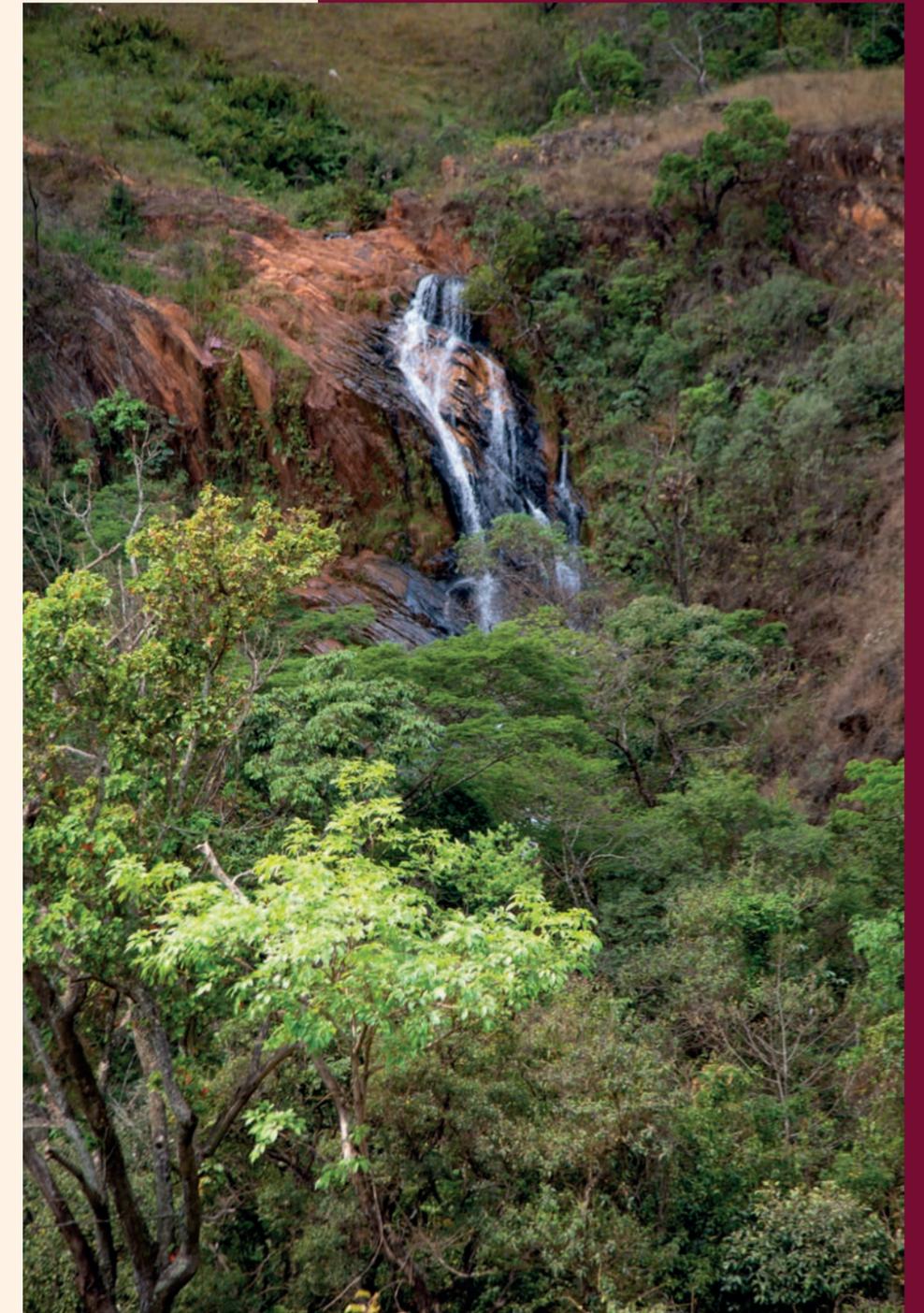
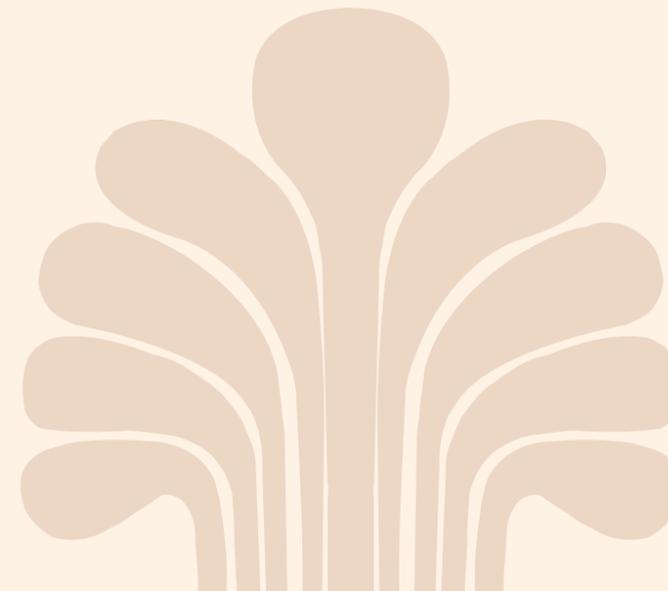
# CACHOEIRA DOS MASCATES



Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

Restaram alguns pedaços da Mata Atlântica e do Cerrado. Eles abrigam uma vida que é importante para nós, para o nosso clima e para os animais que neles vivem. Essas áreas formam o nosso patrimônio natural, um bem que merece o nosso respeito, cuidado e deve ser preservado.

---



Cachoeira dos Mascates.  
Serra dos Mascates (Serra da Moeda), Distrito de Boa Morte.  
Patrimônio natural de Belo Vale.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# RIO PARAOPEBA



Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

Rio Parahypeba, Rio Paraopeba.

Do tupi: rio do peixe chato ou rio das águas rasas.

Cristiano Otoni, Congonhas, Jeceaba, Belo Vale, Moeda, Brumadinho, e segue o rio descendo a paisagem, cortando Minas por dentro até o Rio São Francisco.

Rio Paraopeba, rio que já foi dos caçadores e coletores, das sociedades indígenas, que ouviu o barulho das bateias, que viu fazenda sendo construída, que apontou o caminho para a instalação dos trilhos do trem.

Rio que segue seu curso, como a nossa vida, como a nossa história.

# URNA FUNERÁRIA INDÍGENA

As margens do Rio Paraopeba e as colinas situadas próximas ao Rio Paraopeba foram ocupadas pelas sociedades indígenas durante muitos séculos. Marcas desse tempo ainda podem ser encontradas, uma vez ou outra, quando se cava mais fundo no solo de Belo Vale. É a história indígena nos lembrando que não deve ser esquecida.

No Sítio dos Paivas, em 2004, foi encontrada uma urna funerária indígena que faz parte da tradição Aratu Sapucaí. Esse artefato arqueológico passou por um processo de restauro realizado pelo Centro Especializado de Conservação e Restauração de Acervos do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em 2018, essa urna funerária foi incorporada ao acervo do Museu do Escravo de Belo Vale e se encontra em exposição permanente.



Urna funerária indígena da tradição Aratu Sapucaí.  
Acervo do Museu do Escravo.  
Patrimônio arqueológico de Belo Vale.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# MARCO DE SANTANA



Marco de Santana.  
Povoado de Vargem de Santana, Distrito de Santana do Paraopeba.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

A Bandeira de Fernão Dias Paes, após entrar na região do Rio Paraopeba, fundou um povoado que passou a se chamar São Pedro do Paraopeba. Dali seguiram o curso do rio e passaram por dois possíveis caminhos: atravessaram o vão entre as serras dos Três Irmãos e das Farofas ou passaram pela Serra da Moeda, na altura de Casa Branca. Essas duas possibilidades ficam no território de Brumadinho. Daí partiram para as regiões de Roça Grande (Sabará) e Sumidouro (Lagoa Santa), onde fundaram novos povoados e se estabeleceram durante as décadas de 1670 e 1680.

Em 1972, no povoado de Vargem de Santana, um marco foi instalado para lembrar a produção do primeiro documento oficial assinado em Minas Gerais, ato ocorrido na localidade de São Pedro do Paraopeba em 1681.

Esse documento foi acordado entre Garcia Rodrigues Paes, filho de Fernão Dias Paes, e Dom Rodrigo de Castelo Branco, representante da Coroa Portuguesa, e definiu a divisão das posses e dos arraiais fundados pelos bandeirantes paulistas, como São Pedro do Paraopeba, entre as duas partes.

## O OURO



Detalhe do retábulo folheado a ouro da Fazenda Boa Esperança.  
Distrito de Boa Morte.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

No território de Belo Vale, existem registros de experiências de lavra do ouro nas encostas da Serra da Moeda e nas margens do Rio Paraopeba. Mas o nosso lado da serra não tinha muito ouro, por isso os arraiais foram crescendo mais lentamente em nossa região.

Do outro lado da Serra da Moeda, esse metal precioso foi encontrado em grande quantidade, então por lá começaram a surgir as vilas de Sabará, Ouro Preto, Mariana e Caeté.

# CAMINHOS CALÇADOS

O nosso lado tinha muita terra boa para plantar e criar animais: terra para viver e implantar fazendas. Além de São Pedro do Paraopeba, começaram a surgir outros arraiais situados próximos ao Rio Paraopeba e à Serra da Moeda, como São Gonçalo da Ponte, Nossa Senhora da Boa Morte e Santa Cruz do Salto.

Unindo os dois lados da Serra da Moeda, apareceram também os caminhos, as estradas de chão batido. Alguns trechos, onde a subida e a descida eram dificultadas pelo desenho íngreme do relevo, foram calçados para facilitar a viagem.



Calçada de Pedra da Serra dos Mascates.  
Distrito de Boa Morte.

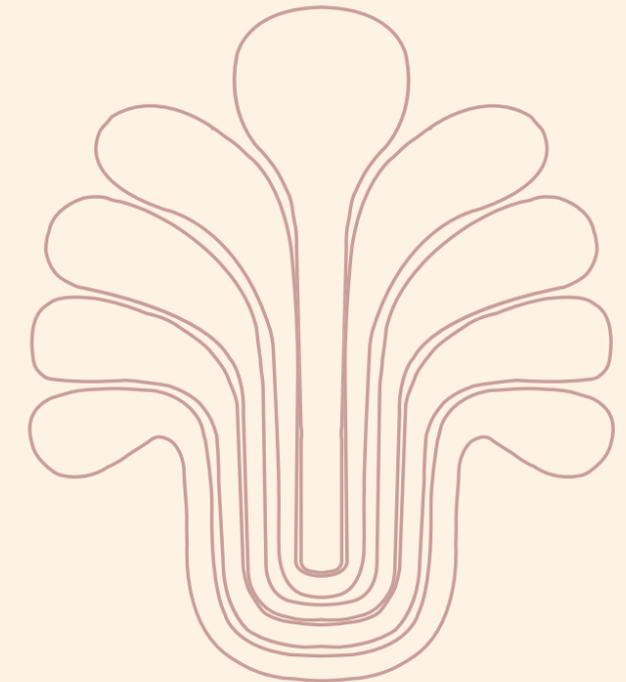
Patrimônio cultural tombado em nível municipal pelo Decreto nº155, de 2014.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Lages de pedras formam a calçada.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



# CAPELA DE NOSSA SENHORA DA BOA MORTE



Capela de Nossa Senhora da Boa Morte. Distrito de Boa Morte.  
Patrimônio cultural tombado em nível municipal pelo Decreto nº 687, de 2021.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

Até o momento, foram identificados poucos documentos manuscritos que informam sobre o processo de ocupação do território de Belo Vale após o início da colonização de Minas Gerais. As capelas, enquanto são documentos arquitetônicos, são as principais pistas sobre essa época remota.

As capelas anunciavam o crescimento dos povoados, a vinda de gente de vários lugares.



Cruzeiro, muro de pedras e torre sineira, elementos que compõem a área tombada da capela.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

Africanos escravizados e trazidos para Minas Gerais foram batizados na Capela de Nossa Senhora da Boa Morte em 1730, sinal de que o povoado e a edificação já existiam nesse período. Esses batismos são os registros mais antigos encontrados até o momento sobre esse templo. Eles indicam que a data de 1760 presente na fachada principal da capela corresponde ao período de finalização de sua ornamentação interna.

O tempo gasto com o interior das capelas dependia das posses dos devotos e da disponibilidade dos artesãos contratados para executarem os serviços. Em alguns casos, a obra era iniciada e terminada em poucos anos. Em outros, os trabalhos atravessavam décadas.



Ornamentação interna da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

Em 2016, a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte foi restaurada a partir de um projeto desenvolvido pela Associação do Patrimônio Histórico, Artístico e Ambiental de Belo Vale (APHAA-BV) e financiado pelo Fundo Estadual de Defesa dos Direitos Difusos da Secretaria de Estado de Desenvolvimento (SEDESE).



Imagens sacras e detalhe do púlpito da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# IGREJA DE SANT'ANA



Igreja de Sant'Ana.  
Morro de Santana / Vargem de Santana, Distrito de Santana do Paraopeba.  
Patrimônio cultural tombado em nível municipal pelo Decreto-nº163, de 2017.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

No início do século 18, os portugueses Manoel Sobreira e Manoel Machado, primos e sócios em diferentes negócios nas regiões de Vila Rica (Ouro Preto) e da Vila de Sabará, passaram a investir na abertura de fazendas no nosso lado da serra. Chegaram por aqui entre as décadas de 1720 e 1730.

Manoel Sobreira e Manoel Machado difundiram, nessa região, o culto à Sant'Ana, avó de Jesus Cristo. Em São Pedro do Paraopeba, eles financiaram a construção de uma capela que foi aberta aos fiéis em 1735. A devoção à Sant'Ana difundiu-se e a capela tornou-se uma referência da localidade, o que sugere ter contribuído para a mudança do nome do arraial, que passou a se chamar Santana do Paraopeba.

O espírito de modernização que chegou em Belo Vale no início do século 20, depois da construção de Belo Horizonte e da instalação da ferrovia, deixou suas marcas. No rastro dessa modernização, a fachada principal da Igreja de Sant'Ana foi modificada, adquirindo elementos ao gosto da época. Internamente, no entanto, o templo conservou aspectos estilísticos de sua construção original.



Detalhe do frontispício.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.



Ornamentação interna da Igreja de Sant'Ana.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

O tempo passou e a igreja sentiu suas marcas. Em 2020, através de uma ação que reuniu o poder público municipal, a Paróquia de São Gonçalo e a Associação dos Zeladores da Igreja de Sant'Ana, a edificação foi restaurada. Entre 2021 e 2023, foi a vez dos elementos artísticos integrados, que passaram por um criterioso

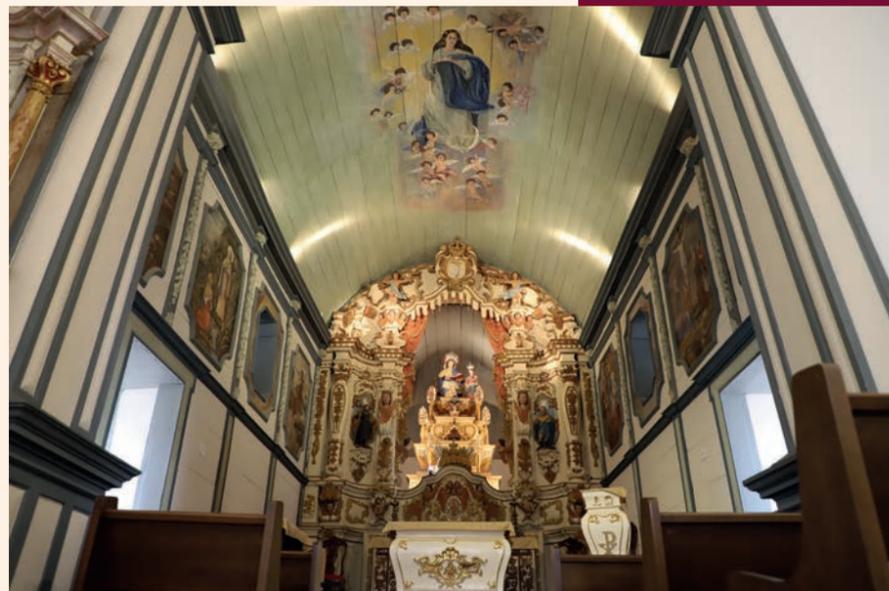


Nave da Igreja.

Foto: Felipe Teixeira, 2024.

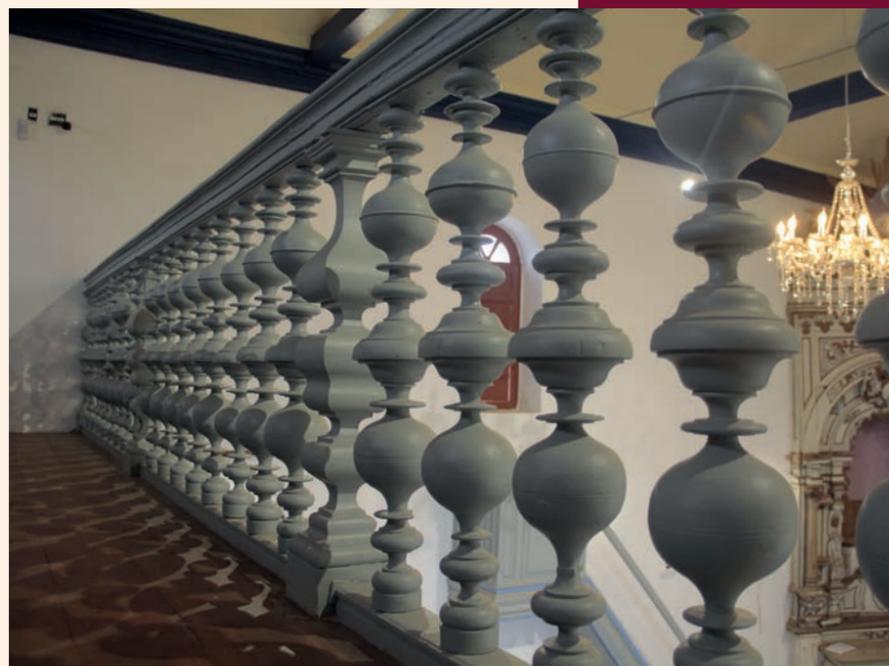
processo de restauração, resultado da parceria estabelecida entre a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo e o Instituto Cultural Flávio Gutierrez. Concomitante, a Prefeitura realizou a requalificação do Morro de Santana, área de entorno do templo.

Essas obras, além de recuperarem a integridade material e artística dos bens envolvidos, valorizaram a singularidade e a harmonia da Igreja de Sant'Ana com a paisagem marcada pelo vale e a Serra da Moeda.



Ornamentação da capela-mor totalmente restaurada.

Foto: Felipe Teixeira, 2024.



Detalhe da balaustrada do coro.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Detalhe do retábulo-mor da Igreja de Sant'Ana e a imagem da padroeira sobre o trono.

Foto: Felipe Teixeira, 2024.

# MEMORIAL DE SANT'ANA



Interior do Memorial de Sant'Ana instalado na sacristia da Igreja de Sant'Ana.

Foto: Felipe Teixeira, 2024.

O Memorial de Sant'Ana foi inaugurado na antiga sacristia da Igreja de Sant'Ana em 2023, com o propósito de promover a disseminação da história da devoção a Sant'Ana, avó de Jesus e mãe de Maria. O memorial abriga informações acerca da trajetória de Sant'Ana e a expansão de sua devoção na Europa e em Minas Gerais, além de exibir uma coleção de

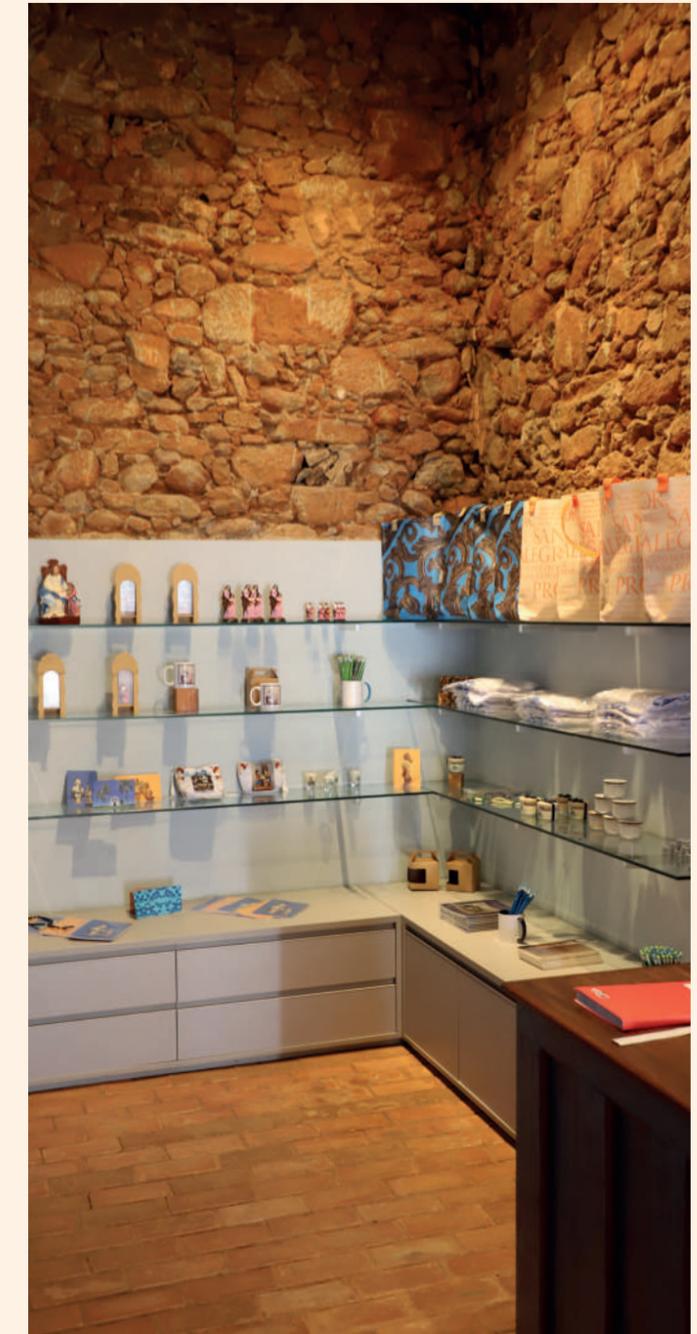
peças sacras relacionadas à iconografia da imagem. O local ainda disponibiliza uma pequena loja com produtos relacionados à padroeira do templo. A idealização e a implementação deste espaço é resultado de uma parceria entre a Prefeitura de Belo Vale, por intermédio da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, e o Instituto Cultural Flávio Gutierrez.



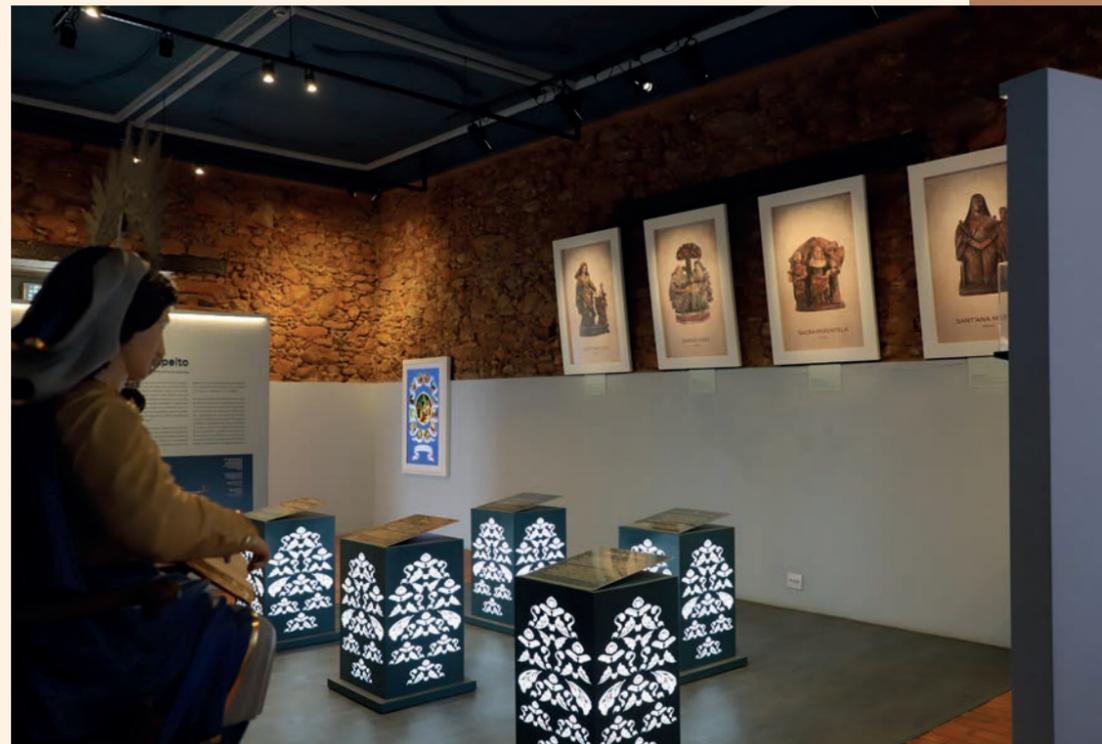
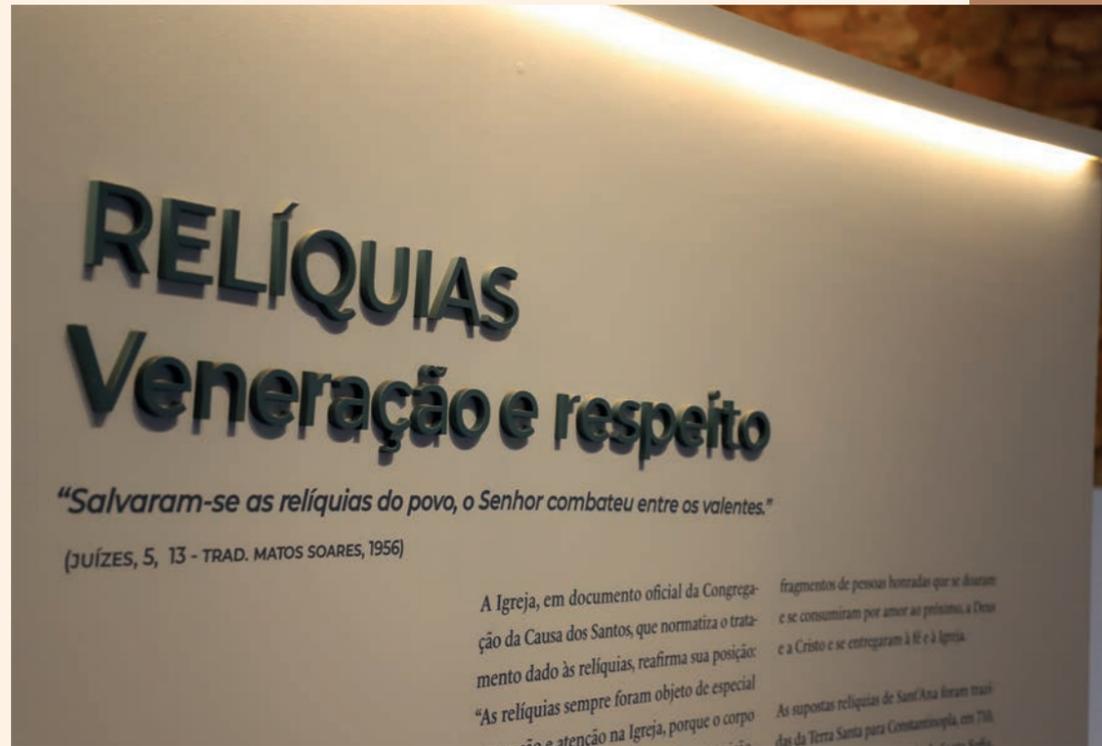
Acesso ao Memorial pela lateral da Igreja de Sant'Ana.



Entrada do Memorial de Sant'Ana.



Loja com produtos relacionados ao Memorial e à santa padroeira.  
Fotos: Felipe Teixeira, 2024.



Interior do Memorial de Sant'Ana.  
Fotos: Felipe Teixeira, 2024.



Interior do Memorial de Sant'Ana.  
Fotos: Felipe Teixeira, 2024.

# FESTA DE SANT'ANA

A Festa de Sant'Ana, celebração que se recria anualmente em Belo Vale, consiste em uma forte devoção a Sant'Ana, mãe de Maria e avó de Jesus. Ocorrendo sempre nos dias 25 e 26 de Julho, a celebração aponta para raízes históricas longínquas.

A festa acontece no Morro de Santana, próximo ao povoado de Vargem de Santana, situado no Distrito de Santana do Paraopeba. Como a devoção a Sant'Ana foi difundida nessa região pelos portugueses Manoel Sobreira e Manoel Machado, acredita-se que este festejo iniciou-se a partir da construção do templo na década de 1730.



Festa de Sant'Ana. Povoado de Vargem de Santana, Distrito de Santana do Paraopeba. Patrimônio Cultural registrado em nível municipal pelo Decreto nº 947, 2022. Foto: Rodrigo Gouveia, 2022.



Procissão com a santa padroeira. Foto: Mônica Maria Malta Moura Leijôto, 2022.



Procissão da bandeira para o levantamento do mastro. Foto: Rodrigo Gouveia, 2022.



Igreja de Sant'Ana e entorno, local da celebração. Foto: Imagem capturada de drone DJI Mini 2, 2024. Acervo Prefeitura de Belo Vale.

Essa devoção ainda atrai milhares de pessoas de Belo Vale, dos municípios do Médio Paraopeba, e até de outras regiões e estados, configurando a principal festa religiosa do município de Belo Vale. A quantidade de devotos impressiona e, nas 24 horas em que se desenrola a celebração, chega a superar o público que participa da festa de São Gonçalo, padroeiro do município.

# IGREJA MATRIZ DE SÃO GONÇALO DA PONTE



Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte. Distrito-Sede de Belo Vale.  
Patrimônio cultural tombado em nível municipal pelo Decreto nº 685, de 2021.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Adro da Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

A Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte foi finalizada em 1764. Acredita-se que a obra desse templo, como ocorreu com a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, começou na década de 1730 e teve a sua ornamentação interna finalizada nos anos de 1760.

Depois que os pedreiros e os carpinteiros entregavam a edificação pronta, iniciava-se uma nova fase. Entravam em ação os marceneiros, entalhadores, escultores e pintores. Definidos os desenhos do coro, da balaustrada, do arco cruzeiro, dos altares e das imagens que fariam parte do cenário da igreja, era hora de fazer a arte surgir das madeiras. Hora de usar os formões, os tornos, encaixar e fixar diferentes partes, envernizar ou preparar as superfícies para receber o douramento e as tintas.

Os entalhadores cuidavam dos retábulos, onde apareciam as conchas, volutas, folhas, grinaldas, plumas, anjos, querubins, atlantes, colunas salomônicas, dosséis com sanefas e camarins. Os escultores dedicavam-se a extrair do cedro as imagens que representavam os membros da Sagrada Família, como Nossa Senhora e Jesus Cristo, e os santos, feito São Gonçalo. Os pintores vinham depois encarnando e dando cores a essas joias feitas de madeira.

Os retábulos da Igreja Matriz de São Gonçalo apresentam características barrocas típicas do estilo Dom João V, recorrente nos templos religiosos de Minas Gerais a partir da década de 1750. Entre os elementos recorrentes nesse estilo, estão as colunas salomônicas, os dosséis com sanefas e os atlantes.



Ornamentação interna da Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte.  
Fotos: Felipe Teixeira, 2024.



Retábulos colaterais setecentistas com características do barroco joanino ou D. João V.  
Fotos: Felipe Teixeira, 2024.



Detalhe do Retábulo-mor da Igreja Matriz de São Gonçalo e o Santo Padroeiro.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

A Igreja Matriz foi construída toda em pedra, como era comum em sua época. Ao longo do século 20, ela sofreu várias transformações internas e externas, como as intervenções feitas no tempo do Padre Virgílio Monteiro de Castro Penido, em 1916, quando foi reconstruída a fachada principal do templo, incluindo suas duas torres.

Em 2019, a edificação da Igreja Matriz foi restaurada a partir de uma parceria estabelecida entre o poder público municipal, a Paróquia de São Gonçalo e a participação da comunidade e de fiéis que se uniram na campanha S.O.S Matriz, com objetivo de arrecadar fundos para a restauração. Após a conclusão dessas obras, a igreja foi reaberta ao público. A partir de 2020, as ações de restauração voltaram-se para os elementos artísticos integrados da parte interna do templo. Desde então, vários bens foram restaurados, a exemplo dos retábulo-mor e colaterais. Atualmente, o forro da capela-mor e o painel da Santa Ceia da sacristia passam por intervenções.



Capela-mor com forro em restauração.



Forro em caixotões da nave  
Fotos: Felipe Teixeira, 2024.

# IMAGEM DE SÃO GONÇALO



São Gonçalo nasceu na aldeia de Talgide, em Portugal, no século 13. Em sua juventude, dedicou-se ao estudo da teologia e foi ordenado padre em Braga.

Segundo a tradição católica, São Gonçalo dedicou-se especialmente aos pobres, com os quais dividia os rendimentos da igreja. Ele teria recebido a visão de Maria, mãe de Cristo, que o aconselhou a se tornar um monge dominicano. Ainda jovem, utilizava a música e a dança como formas de conversão, sobretudo das mulheres, por isso é considerado o padroeiro das moças casadouras. Os seus devotos faziam promessas de participar de romarias ou dançar com sua imagem nas festividades a ele dedicadas.

---

Imagem de São Gonçalo.  
Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte.  
Patrimônio cultural tombado em nível municipal  
pelo Decreto nº11, de 2006.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# RETÁBULO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE VARGEM DE SANTANA



Foto: Felipe Teixeira, 2024.



Altar e Capela de Nossa Senhora da Conceição.  
Povoado de Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba.  
Patrimônio Cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

O retábulo-mor da Capela de Nossa Senhora da Conceição foi produzido sob a influência do estilo Rococó, presumivelmente entre os séculos 18 e 19. Diferente do templo onde se encontra, que sofreu intervenções ao longo do tempo, ele ainda conserva vários aspectos originais.

O bem foi restaurado entre os anos de 2022 e abril de 2023. Durante o processo, desenhos e cores, que estavam ocultos sob camadas de pintura, foram revelados conferindo ao retábulo um visual mais elegante e harmonioso.

# RUÍNAS DA FAZENDA DA CHÁCARA



Ruínas da Fazenda da Chácara.

Povoado da Chacrinha dos Pretos. Distrito de Boa Morte.

Patrimônio Cultural Tombado em nível municipal pelo Decreto nº 949, de 2022.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

A Fazenda da Chácara foi inaugurada em meados do século 18. A propriedade apresentava estruturas diversas como a casa-sede, a capela particular, o engenho, o curral, as áreas de plantação, a senzala e os chamados “cubículos”, onde residiam algumas famílias de escravizados. As ações do tempo e as práticas de depredação deixaram suas marcas no espaço: restaram apenas ruínas destas estruturas, situação que, até o momento, impede produzir uma visão clara sobre como era esta fazenda em seu tempo áureo. Pesquisas arqueológicas identificaram, em algumas áreas da antiga fazenda, fragmentos de objetos utilizados em diferentes épocas, como pratos de louça, de telhas, de vidros e de artefatos cerâmicos. Em parte do território da Fazenda da Chácara, próximo ao Rio Paraopeba, ainda residem descendentes das famílias de escravizados desta época, que hoje formam a Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos.



Estrutura em pedras conijcadas das Ruínas da antiga Fazenda da Chácara.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# RUÍNAS DA FAZENDA CASAS VELHAS



A Fazenda Casas Velhas foi construída no alto da Serra da Moeda, próximo ao caminho que ligava a região de Vila Rica (Ouro Preto) aos arraiais de Boa Morte e São Gonçalo da Ponte. Não se sabe quando fizeram sua construção e, do seu aspecto original, restam apenas ruínas.

Existem diferentes versões sobre o surgimento da Fazenda Casas Velhas. Alguns dizem que ali teria funcionado uma fazenda agrícola no período colonial. Outros falam que teria sido um forte militar. Existe ainda a versão de que se tratava de uma alfândega do ouro extraído na região ou uma prisão para condenados que cumpriam pena de trabalhos forçados.

---

Ruínas da Fazenda Casas Velhas.

Serra dos Mascates (Serra da Moeda), Distrito de Boa Morte.

Patrimônio cultural tombado em nível municipal pelo Decreto nº155, de 2014.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



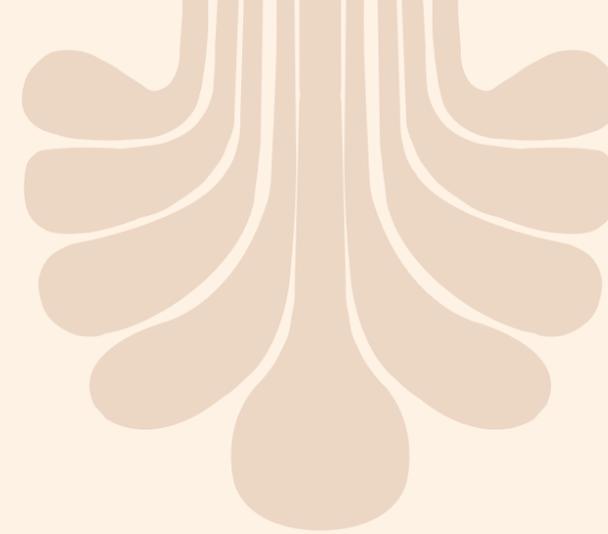
Estruturas das ruínas da Fazenda Casas Velhas em pedras canjicadas.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# FAZENDA BOA ESPERANÇA



Casa-sede da Fazenda Boa Esperança. Distrito de Boa Morte.  
Patrimônio cultural tombado em nível Federal pelo processo nº 569-T, folha nº 84, 1959.  
Patrimônio cultural tombado em nível estadual pelo Decreto-Lei nº17.009, de 1975.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



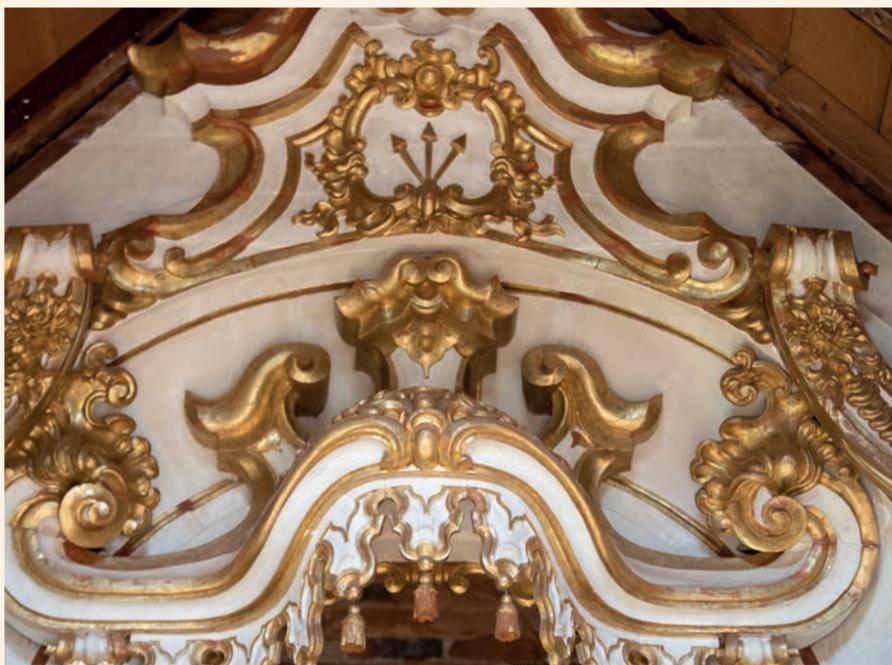
A casa-sede da Fazenda Boa Esperança é um dos mais belos exemplares da arquitetura rural mineira do final do século 18. Ela foi construída sobre fundação de pedras, com estrutura de madeira e vedações em pau a pique, a edificação possui ainda uma varanda frontal, um quarto de hóspedes com entrada independente e uma capela com rica ornamentação.

No entorno da casa-sede, existe um paiol feito com paredes de pedra e alicerces que sugerem a existência de antigas estruturas de senzalas e engenhos.



Vista posterior da Casa-sede da Fazenda Boa Esperança.  
Paiol em pedra existente no entorno da sede da Fazenda Boa Esperança.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

A Capela da Fazenda Boa Esperança possui um retábulo com rico trabalho em talha dourada, com altar dedicado ao Senhor dos Passos, e painéis com pinturas nas paredes e no forro. As pinturas, de filiação ao Rococó, são atribuídas a João Nepomuceno, artista de relevo na história da arte mineira, que nasceu em Mariana e viveu até 1795.



Detalhe do coroamento do retábulo da capela da Fazenda Boa Esperança.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Ornamentação interna da capela da Fazenda Boa Esperança.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

A Fazenda Boa Esperança pertenceu à família de Romualdo José Monteiro de Barros, o Barão de Paraopeba, figura influente na política e na economia de Minas no início do século 19.

O Barão de Paraopeba, além de possuir extensas faixas de terras entre Belo Vale e outras localidades da região, fez parte de um grupo de sócios que implementou uma fábrica de produção de barras de ferro em Congonhas, na década de 1810, e pretendia vender esse produto para o mercado brasileiro. Devido à impossibilidade de concorrer com os preços do ferro que chegava da Europa, o projeto da Fábrica Patriótica encerrou-se em 1820. O Barão, no entanto, ainda teve tempo de se lançar em novos planos, ele faleceu em 1855, aos 82 anos.



Interior da Casa-sede da Fazenda Boa Esperança.

Fotos: Júnior Vitarelli, 2020.

# CONSTRUÇÕES DOS SÉCULOS 18 E 19



Casa-sede da Fazenda Boa Vista, construída no século 18 ou 19.  
Povoado de João Alves. Distrito de São Sebastião das Lajes.  
Patrimônio Cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Casa-sede da Fazenda Boa Vista.  
Fotos: Júnior Vitarelli, 2020.

Na casa-sede da Fazenda Boa Vista, destacam-se os dois cômodos presentes na varanda, utilizados para guardar itens diversos e abrigar hóspedes que circulavam pela região, aspecto construtivo que revela práticas culturais da época.



As edificações eram construídas sobre uma base de sustentação feita com pedras. Sobre essa base, eram erguidos, em geral, um ou dois pavimentos, dependendo da função do imóvel. Conforme a altura da base, ela era utilizada como o primeiro andar da edificação. Para a criação das paredes dos cômodos, os pedreiros utilizavam pedras, tijolo do adobe ou a técnica do pau a pique e, como foi comum, misturavam essas diferentes possibilidades.



Fazenda dos Caçulas construída no século 19.  
Distrito de Boa Morte.  
Patrimônio Cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Fazenda Ponte Alta construída no início do século 20.  
Distrito Roças Novas dos Bandeirantes.  
Patrimônio Cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Casa-sede do Sítio Lambari, construída no século 19.  
Povoado de João Alves. Distrito de São Sebastião das Lajes.  
Patrimônio Cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

As estruturas do piso, do telhado e das varandas, bem como as portas, as janelas e as escadas eram feitas de madeira. Em alguns pontos de sustentação e de articulação, como nos telhados e nas portas e janelas, era recorrente o uso de peças de ferro feitas em Minas Gerais.

As casas-sedes da Fazenda Caçulas e do Sítio Lambari, ambas do século 19, exemplificam como as técnicas se adaptavam ao ambiente. Na segunda, a base de pedra é elevada em relação ao nível natural do terreno, o que possibilitou a criação de um porão na porção mais baixa.

Em Belo Vale, os estilos de construção usados nos séculos 18 e 19 continuaram sendo reproduzidos no 20, sobretudo nas áreas rurais.



Fazenda Santa Cecília construída no início do século 20.  
Povoado da Chacrinha dos Pretos. Distrito de Boa Morte.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

Poucos exemplares de residências dos séculos 18 e 19 resistiram na paisagem da sede municipal de Belo Vale, devido à ocupação urbana crescente no século 20. Fato que amplia a necessidade de proteger esses documentos arquitetônicos.



Residência construída no século 18 ou 19.  
Rua Governador Valadares, 81, Distrito-Sede de Belo Vale.  
Patrimônio Cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# CASA DA BICA



A Casa da Bica foi edificada entre os séculos 18 e 19 e ainda apresenta em sua estética a influência da Arquitetura Tradicional Portuguesa e as técnicas construtivas utilizadas nesta época, como o embasamento de pedra, a estrutura autônoma de madeira e as paredes feitas de pau a pique e de tijolos de adobe.

Casa da Bica, construída no século 18 ou 19.  
Povoado de Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba.  
Patrimônio Cultural tombado em nível municipal pelo Decreto nº155, de 2014.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

# CASINHA VELHA



Casinha Velha, construída no século 18 ou 19.  
Povoado de Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba.  
Patrimônio Cultural Tombado em nível municipal pelo Decreto nº 948, de 2022.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

A Casinha Velha, que tinha uma função híbrida de residência e comércio, exemplifica a importância do povoado de Vargem de Santana nas rotas comerciais criadas entre São Gonçalo da Ponte, Santana do Paraopeba e Moeda. As memórias relativas ao imóvel sugerem que tenha sido construído no século XIX.



Obra de restauração em andamento da Casinha Velha.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

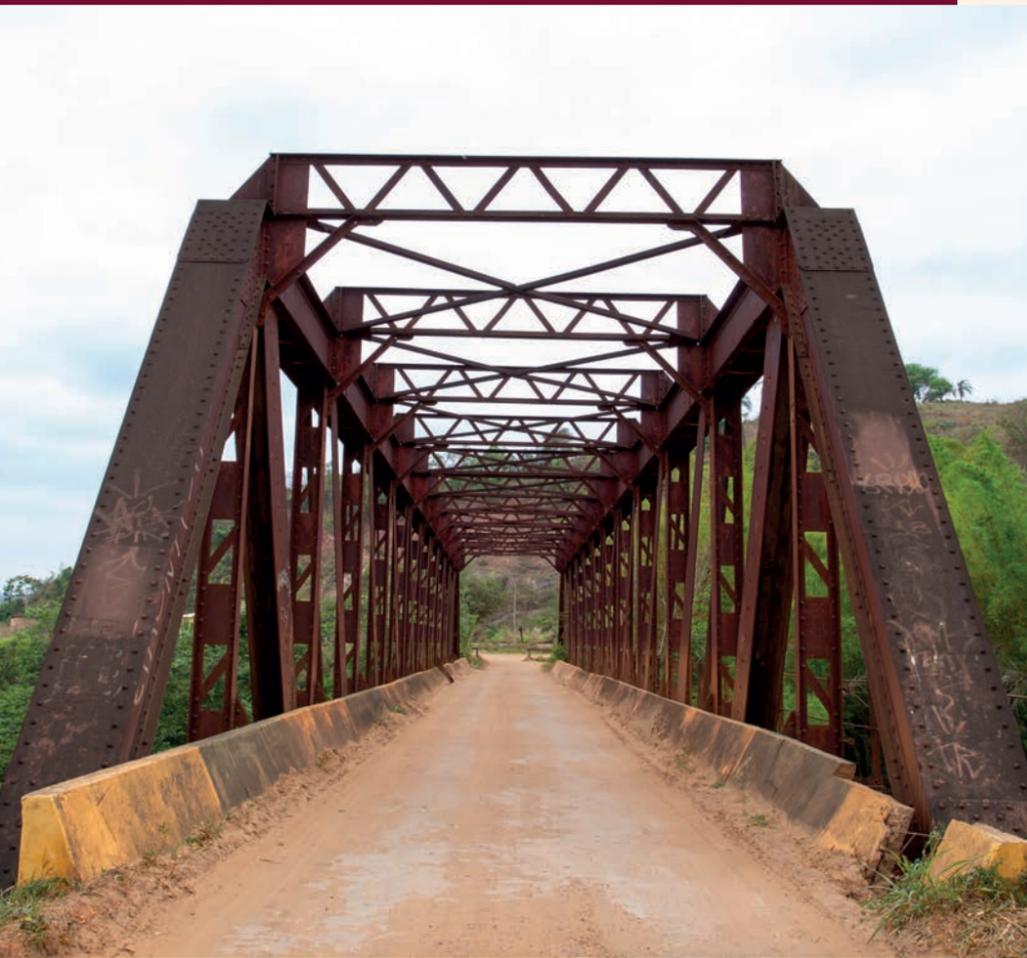
Até o início do século 20, a Casinha Velha pertencia ao casal Jacinto Fernandes e senhora Leocádia Fernandes. Ela foi herdada pelo filho Décio Vieira dos Santos e sua esposa Geni de Paula Vieira, casal que desfrutava de reconhecimento pela comunidade local, ocupando o posto de reis do Congado de Vargem de Santana. Até 2022, a Casinha Velha pertencia a Geraldo Manoel Vieira e José Eustáquio Vieira, filhos de Décio e Geni, ano em que foi adquirida pela Prefeitura de Belo Vale.

Com estrutura de madeira e alvenaria em pau a pique, o imóvel passa por um processo de restauração. Em suas dependências, será instalado um espaço de memória dedicado às práticas do Congado, reconhecidas como patrimônio cultural imaterial de Belo Vale.



Recuperação da parede em pau a pique durante as obras de restauração da Casinha Velha.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

# PONTE FERROVIÁRIA



Ponte de ferro instalada na divisa de Belo Vale com Moeda, entre 1914 e 1917.  
Distrito de Santana do Paraopeba.  
Patrimônio Ferroviário protegido pela Lei Estadual nº 23.230 de 2018.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

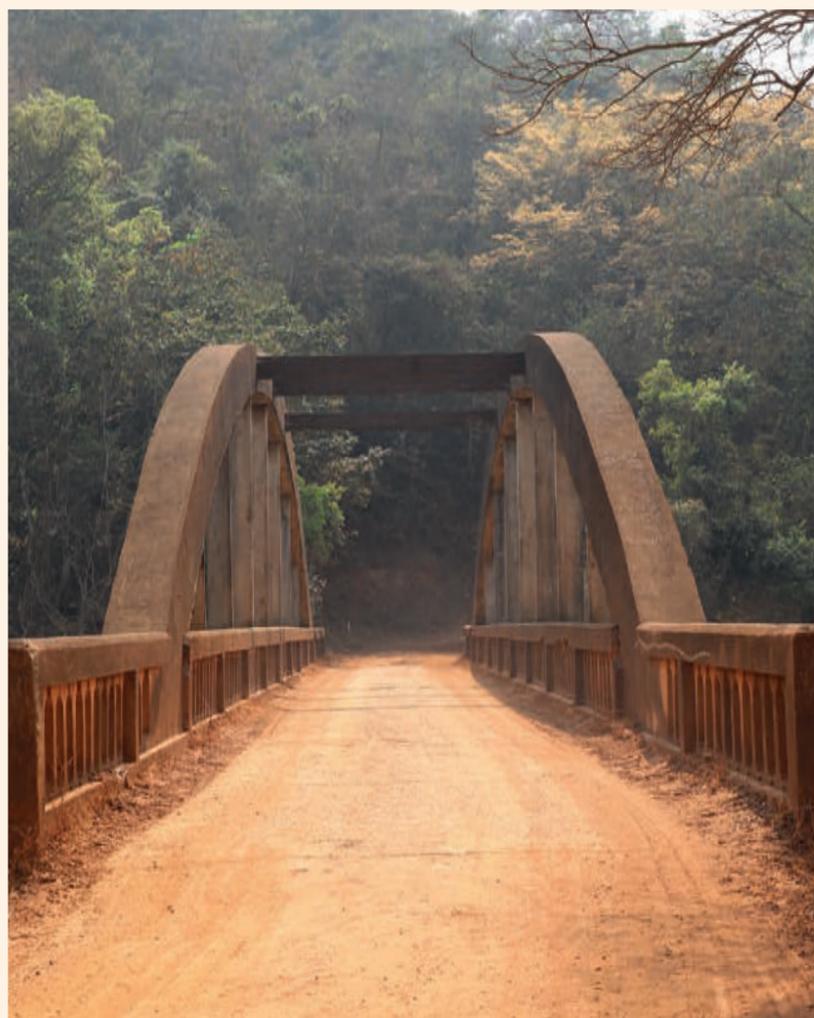
Ficou para trás a época da colônia e da monarquia. Veio o tempo da República, da construção de Belo Horizonte e das novas tecnologias criadas no rastro da Revolução Industrial. O Ramal Paraopeba atravessou Belo Vale na década de 1910, assim criou uma alternativa mais ágil para as pessoas e as mercadorias que viajavam entre Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, e o Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

O trem atravessou a ponte. No rastro de sua fumaça, trouxe uma visão de progresso em forma de trilhos, de máquinas a vapor e de novos costumes. Inaugurava-se o tempo da ferrovia.



Estrutura da antiga ponte ferroviária sobre o Rio Paraopeba.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# PONTE EM ARCO DO ARROJADO



Ponte em Arco do Arrojado.  
Povoado de Arrojado Lisboa. Distrito de Boa Morte.  
Patrimônio cultural tombado em nível municipal pelo Decreto nº 1.168, de 2023.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

A instalação do Ramal Paraopeba, entre 1914 e 1917, a construção da Estação de Arrojado Lisboa e o trânsito de pessoas e mercadorias através do transporte ferroviário fortaleceram a necessidade da construção de uma nova ponte que interligasse os dois lados da localidade. As antigas pontes de madeira, comuns na região, tendiam a sucumbir em épocas de intensas enchentes no Rio Paraopeba.

Em 1933, foi construída uma ponte de concreto armado, mas, algum tempo depois de ser inaugurada, essa estrutura desabou devido a problemas em sua fundação. No final da década de 1930, uma nova ponte de concreto armado de arco superior foi instalada no mesmo local. A obra terminou no dia 22/09/1940, e, aparentemente, foi inaugurada no início do ano seguinte com muita festividade, com as presenças de autoridades, da Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte e da comunidade local.



Vista inferior da estrutura da ponte em arco.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.



Inauguração da Ponte em Arco de Arrojado Lisboa, em 1941.  
Foto: Autor desconhecido. Arquivo de Luciano Belo Pereira.



Vista frontal da ponte em arco.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

# ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ARROJADO LISBOA



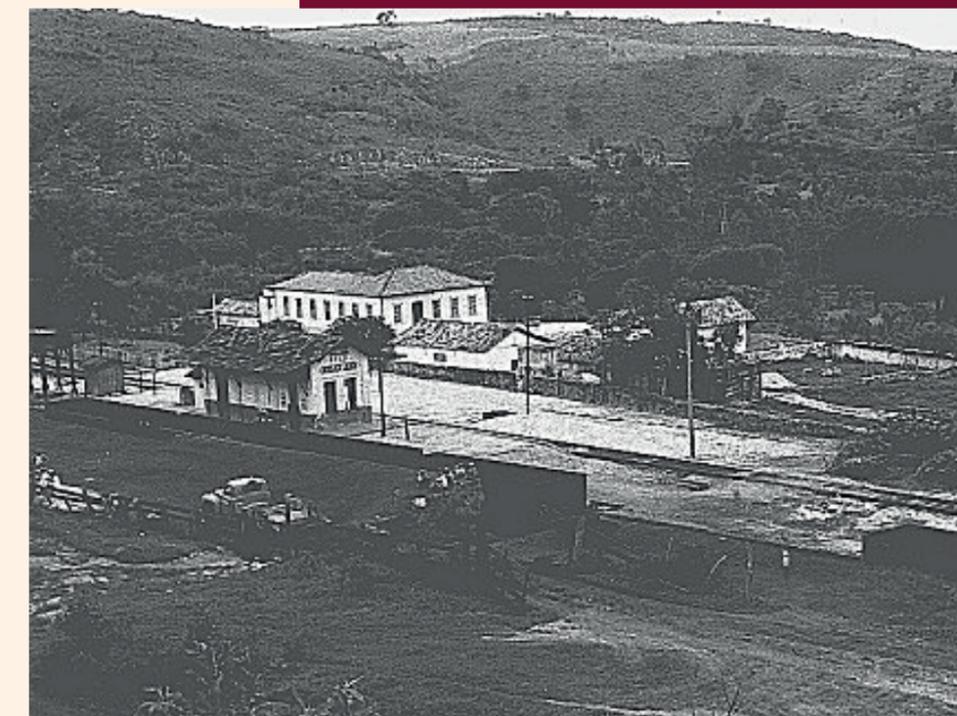
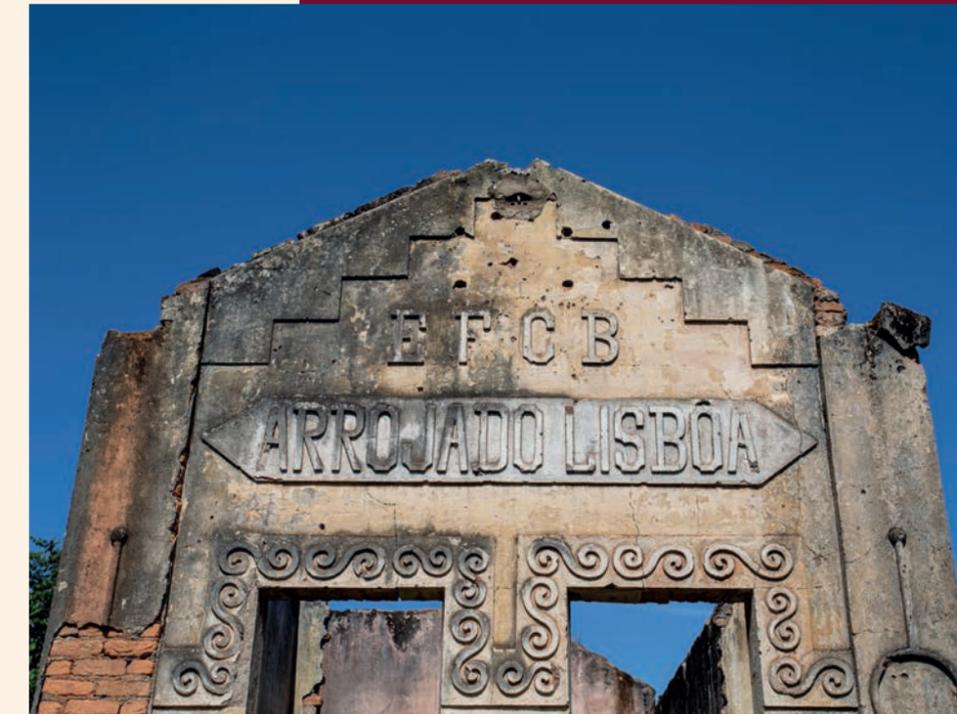
Estação Ferroviária de Arrojado Lisboa, inaugurada em 1917.  
Povoado de Arrojado Lisboa. Distrito de Boa Morte.  
Patrimônio Cultural tombado em nível municipal pelo Decreto nº 1.167, de 2023.  
Patrimônio Ferroviário protegido pela Lei Estadual nº 23.230 de 2018.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

A instalação do Ramal Paraopeba na década de 1910 injetou novo ânimo na economia do Médio Paraopeba durante boa parte do século XX, estimulando a produção com perfil rural, a abertura de pontos comerciais, a extração de minério de ferro e a inclusão de novos equipamentos públicos, como as pontes metálicas ou feitas de concreto armado.

A Estação Ferroviária de Arrojado Lisboa permaneceu ativa entre as décadas de 1910 e 1990, desde a desativação dos trens de passageiros por este ramal ferroviário, a edificação da estação entrou em um lento e decadente processo de abandono e arruinamento. Por sua estética, aspectos construtivos, funções sociais e longevidade, a estação transformou-se em um marco geográfico, histórico e cultural, consolidando-se como um elemento importante na paisagem desta região. Atualmente, a população de Arrojado Lisboa aguarda a mobilização de recursos públicos para sua completa restauração.

Detalhe da fachada da Estação Ferroviária de Arrojado Lisboa.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

A estação nos anos 1960.  
Foto: Autor não identificado. Acervo Henrique Nelson Castro.  
[http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb\\_mg\\_paraopeba/arrojado.htm](http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_paraopeba/arrojado.htm)

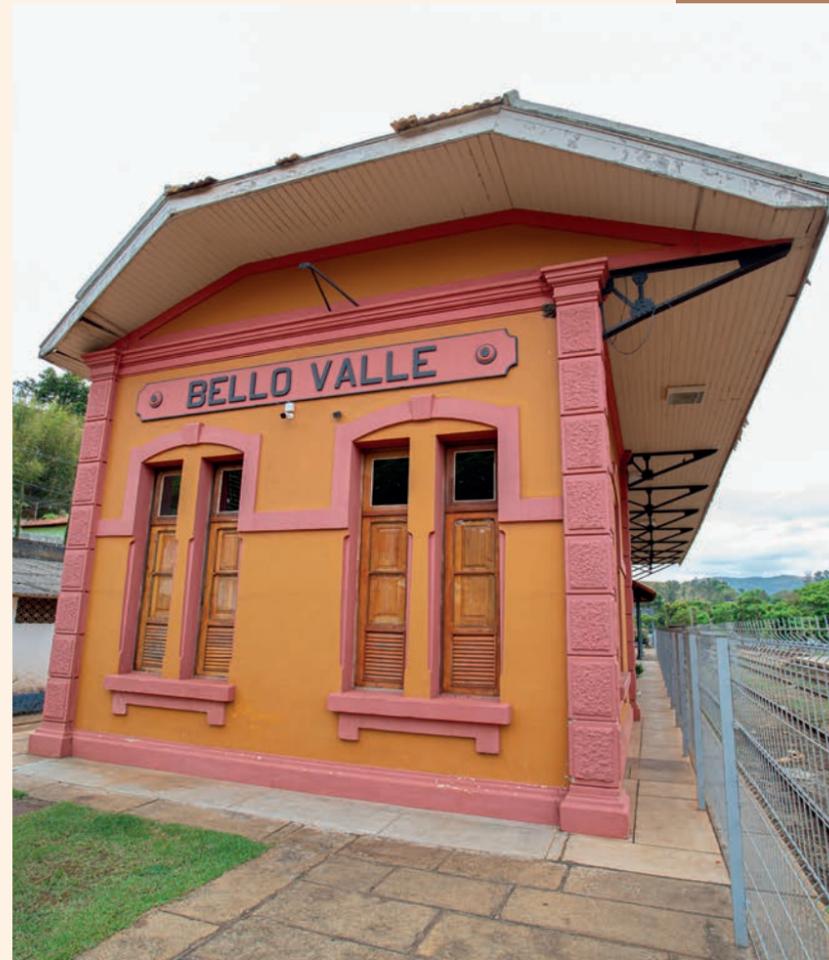


# ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE BELO VALE

O prédio da estação de Belo Vale, de inspiração inglesa, foi inaugurado em 1917. Nas plataformas da estação, o ritual de espera do trem reunia todo tipo de gente: comerciantes, fazendeiros, estudantes, famílias, turistas, curiosos e jovens que passaram a fazer desse espaço um ponto de encontro romântico.

O trem transportava também mercadorias, como frutas, legumes, aves, porcos, minério, pedra e grandes boiadas, que aguardavam no curral da edificação ferroviária o momento do embarque em vagões especiais.

A estação tornou-se também uma alternativa mais rápida para se comunicar com outras regiões, a partir do uso do sistema de telégrafo interligado à estrutura dos ramais ferroviários.



Conjunto da Estação Ferroviária de Belo Vale, inaugurado em 1917. Distrito-Sede de Belo Vale. Patrimônio Cultural tombado em nível municipal. Protegido pelo Decreto nº 11, de 2006. Patrimônio Ferroviário protegido pela Lei Estadual nº 23.230 de 2018. Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Estação Ferroviária de Belo Vale e Plataforma de embarque e desembarque. Fotos: Júnior Vitarelli, 2020.

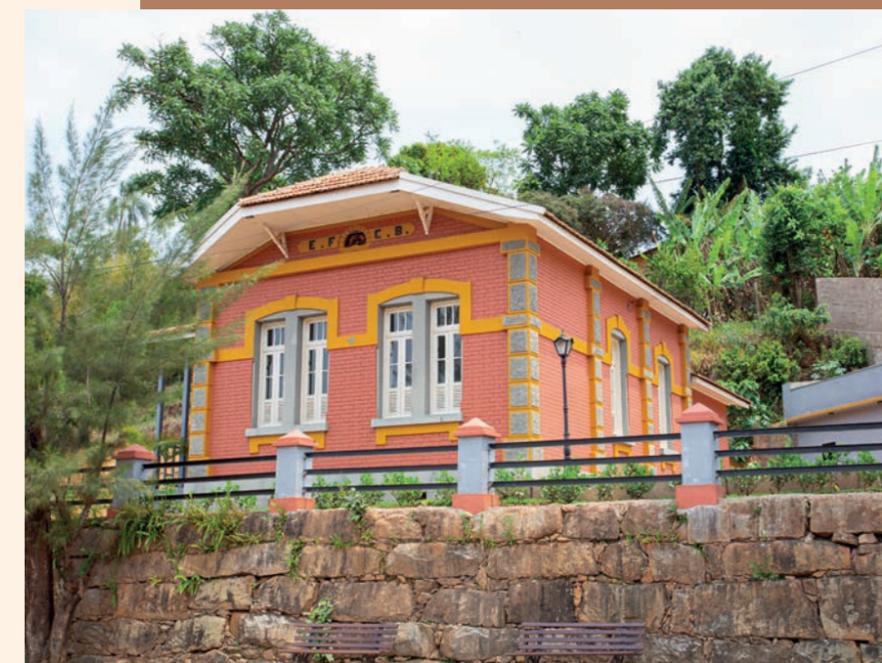
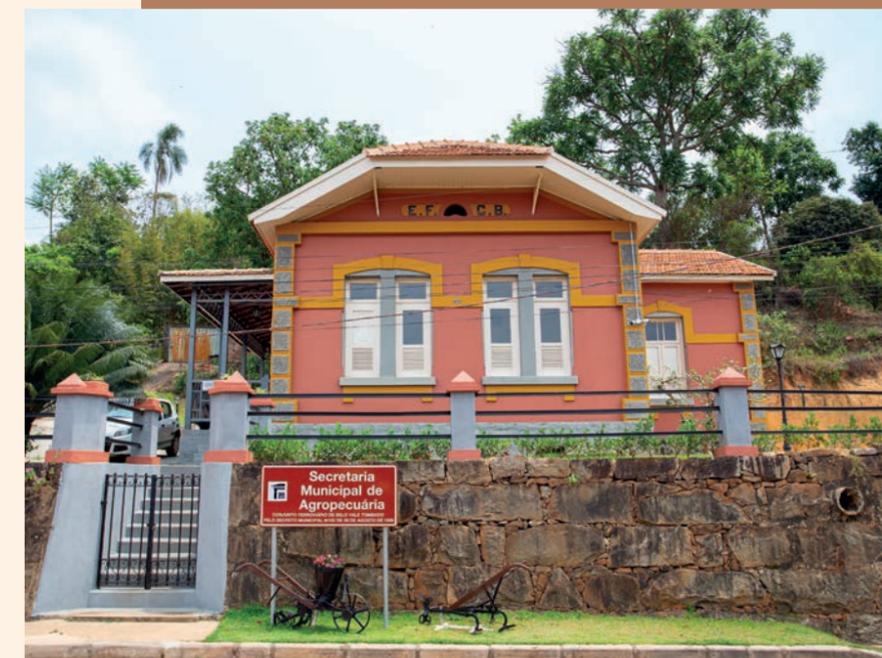
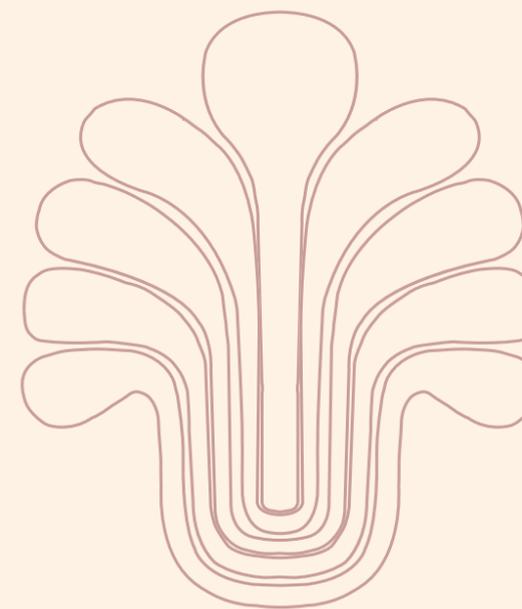


Caixa d'água de abastecimento das locomotivas a vapor.  
Pertence ao Conjunto Tombado da Estação Ferroviária de Belo Vale.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

O transporte de passageiros pelo Ramal Paraopeba ficou ativo de 1917 até a década de 1990. A partir desse período, o prédio da estação foi utilizado como depósito e alojamento dos funcionários da Rede Ferroviária Federal (RFFSA). Posteriormente, ao cair em desuso e apresentar um expressivo estado de deterioração, ele começou a ser ocupado por andarilhos e moradores de rua. Em 1992, com a privatização da malha ferroviária brasileira, esse ramal foi concedido à empresa MRS Logística S.A., que opera com o transporte de minério de ferro nesse trecho.

O Conjunto Arquitetônico da Estação Ferroviária de Belo Vale foi tombado em 1998, pelo Conselho Municipal de Cultura, ato revalidado em 2006. Nos últimos três anos, esse conjunto e seu entorno têm sido alvo de diferentes ações de restauro e de requalificação, que englobam o prédio, a plataforma, a caixa d'água e as antigas residências dos ferroviários.

A chegada do Ramal Paraopeba trouxe uma nova estética para a arquitetura local, como demonstram o prédio da estação e as residências para os funcionários da rede ferroviária, construídas em estilo inglês. O gosto pelo “moderno” começou a ganhar as ruas e a cidade.



Residências de funcionários da rede ferroviária.  
Pertencem ao Conjunto Tombado da Estação Ferroviária de Belo Vale.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# ARQUITETURA ECLÉTICA

Em Belo Vale, as edificações que apresentaram a influência do estilo eclético concentraram-se nas imediações da estação ferroviária e da Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte, região onde o novo gosto se fez marcante.

A arquitetura eclética, de origem europeia, chegou ao Brasil no final do século 19 e perdurou até as primeiras décadas do século 20. Esse estilo mistura elementos típicos de outras arquiteturas, como a clássica, a gótica, a barroca e a neoclássica, e se caracterizou, de modo geral, pela simetria, pela busca da grandiosidade e pela riqueza decorativa, com fachadas bastante ornamentadas.



Residência construída na década de 1920, situada na Rua Coronel Pedro Rocha, 120.  
Distrito-Sede de Belo Vale.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Residência construída na década de 1920, situada na Rua Governador Valadares, 225.  
Distrito-Sede de Belo Vale.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# CASARÃO DOS ARAÚJO



Casarão dos Araújo, edificação construída entre 1923 e 1929.  
Praça Cláudio Pinheiro, nº 126, Distrito-Sede de Belo Vale.  
Patrimônio Cultural tombado em nível municipal. Protegido pelo Decreto nº 09, de 2008.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



O sobrado foi construído, entre 1923 e 1929, pelo comerciante Marciano Gonçalves de Oliveira. Marciano do Gino, como era conhecido na região, instalou no porão do sobrado seu comércio de tecidos e miudezas, teve entre seus fregueses os fazendeiros e os trabalhadores da Central do Brasil.

Anos depois, o senhor Antônio Pinto Ribeiro comprou esse sobrado e passou a utilizá-lo como residência de sua família nos fins de semana, quando vinham a Belo Vale participar das missas de domingo ou das festas religiosas.

Detalhe do Frontão do Casarão dos Araújo.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

Área de entorno do Casarão dos Araújo no centro de Belo Vale.  
Foto: Imagem capturada por drone DJI Mini 2, 2024.  
Acervo prefeitura de Belo Vale.



Após a emancipação de Belo Vale, ocorrida em 1938, o senhor Antônio Pinto cedeu generosamente o salão principal do imóvel para a instalação do Paço Municipal em 1939, condição que se estendeu até meados da década de 1940.

Em 1947, o sobrado foi adquirido por Luiz Fernandes de Araújo, que transferiu a escritura para sua mãe, Dona Moça, que passou a viver nessa edificação com seus filhos. Por cerca de trinta anos, funcionou no térreo a loja de tecidos Irmãos Araújo.

O imóvel ficou abandonado a partir dos anos 1980, foi adquirido posteriormente pela Prefeitura de Belo Vale, restaurado em 2016 e reinaugurado em 2017.

A designação "Casarão dos Araújo" foi atribuída pelo jornalista Tarcísio Martins na década de 1990, no contexto da pesquisa para o processo de tombamento do imóvel.



Interior do Casarão dos Araújo.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Interior do Casarão dos Araújo.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# HOTEL PARAÍSO



Hotel Paraíso na década de 1940.  
Praça Cláudio Pinheiro, Centro.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Autor desconhecido. Acervo de Tarcísio Martins.

O Hotel Paraíso e as residências localizadas nas ruas Pedro Rocha e Governador Valadares são exemplos marcantes da arquitetura eclética em Belo Vale. Construído em 1910 como residência particular, passou a abrigar uma farmácia entre os anos de 1917 e 1934, liderada pelos senhores Bartin e Bertolozzi. Intervenção feita em 1924, sob o comando do farmacêutico José Alves Martins, acrescentou-se fachada eclética com portas comerciais.



Frontão do Hotel Paraíso com a marca da data de sua construção.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

Após funcionar com a atividade comercial de um armazém, o imóvel foi adquirido em 1934 por Olímpio Ferreira de Mendonça, quem o adaptou para funcionamento do Hotel Paraíso. Seu sobrinho José Augusto Rezende (Sr. Juquinha do Hotel) assumiu o estabelecimento, a partir de 1937.

Apesar das transformações ao longo de seus mais de 100 anos de existência, as quais resultaram na perda de alguns elementos originais, como a varanda lateral, o Hotel Paraíso ainda é importante referência na paisagem urbana e na história de Belo Vale. Em 2023, a edificação foi adquirida pela Prefeitura Municipal, para restauração e adaptação para um novo uso, preservando seus valores históricos e culturais.



Hotel Paraíso em obras de restauração e adaptação a um novo uso.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

# ARQUITETURA ART DÉCO



O estilo *art déco* difundiu-se pelo Brasil a partir dos anos 1920 e não demorou muito tempo para chegar a Belo Vale. Diferente do ecletismo, caracterizava-se pelo uso de formas geométricas ou estilizadas e era marcado por uma arquitetura mais limpa e funcional.

Em Belo Vale, as edificações que apresentavam a influência do art déco concentraram-se na Rua Padre Jacinto Pinheiro, região que se consolidou como centro comercial da sede municipal.

---

Edificação construída na década de 1930. Rua Padre Jacinto Pinheiro, nº 169.

Distrito-Sede de Belo Vale.

Patrimônio cultural inventariado no município.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Edificação construída na década de 1930, à Rua Padre Jacinto Pinheiro, em dois momentos. Nota-se a perda de alguns elementos compositivos e alterações dos vãos da fachada.

Patrimônio cultural inventariado no município.

Fotos: Júnior Vitarelli, 2020 (à esquerda);  
Tarcísio Martins, 1972 (à direita).



Tradicional prédio comercial de arquitetura art déco construído na década de 1950, à Rua Padre Jacinto Pinheiro, em dois momentos. Foi ocupado por bar, padaria e Cine Maracanã e recebia grandes festas com bailes e matinês.

Patrimônio cultural inventariado no município.

Fotos: Júnior Vitarelli, 2020 (à esquerda);  
Autor e data desconhecidos. Arquivo da família Braga (à direita).

# IGREJAS CONSTRUÍDAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO 20



Os templos religiosos construídos em Belo Vale na primeira metade do século 20 misturam estilos modernizantes recorrentes nessa época e aspectos comuns às capelas dos séculos 18 e 19, como se percebe nas capelas dos povoados de Salgado, Costas, Chácara dos Cordeiros e Lajes.

Capela de Santa Luzia, construída na década de 1910.  
Povoado de Salgado - Distrito Santana do Paraopeba.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Capela do Senhor dos Passos, construída na década de 1920.  
Povoado de Costas, Distrito de Santana do Paraopeba.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Capela de São Sebastião, construída na década de 1940.  
Povoado de Curral Moreira, Distrito Chácara dos Cordeiros.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Capela de Santo Antônio, construída na década de 1930.  
Povoado de Roças Novas de Baixo. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.



Capela de Nossa Senhora da Conceição, construída na década de 1920.  
Povoado de Arrojado Lisboa. Distrito de Boa Morte.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Capela de São Sebastião, construída na década de 1940.  
Povoado Lajes. Distrito São Sebastião das Lages.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

Capela de Santa Efigênia, construída na década de 1940.  
Distrito Chácara dos Cordeiros.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.



# BANDA DE MÚSICA SANTA CECÍLIA DE SÃO GONÇALO DA PONTE



Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte.  
Patrimônio Cultural registrado em nível municipal pelo Decreto nº 415, de 2020.  
Foto: Autor desconhecido, ano 1964. Acervo fotográfico da Banda.

Em meio à atmosfera de mudanças vivida em Belo Vale no início do século 20, surgiram grupos musicais que se tornaram a base para a formação da Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte.

Nessa época, era comum que os fazendeiros mais abastados contratassem músicos profissionais para alegrar suas festividades e eventos, bem como ministrar aulas de música para seus filhos e para os trabalhadores. Talentosos músicos atuaram na região no início do século 20, como José Silvestre de Resende Dornas (Duca Dornas) e José Afra de Matos (Juca Matos). Eles tocavam os estilos que eram moda na época, como sambas, maxixes, modinhas, tangos e, claro, os dobrados.

Esse clima musical deu origem às bandas Lyra Bello Vallense Santa Cecília e a Lyra Esperança na década de 1920, quando era comum os músicos ensaiarem na casa do regente. Em 1932, a Lyra Bello Vallense tornou-se a Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte e foi registrada em cartório em 1951.



Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte.  
Fotos: Autor e data desconhecidos. Acervo fotográfico da Banda.

Desde a sua criação, a corporação musical passou a realizar apresentações e retretas todos os domingos no adro da Igreja Matriz. Ganhou o apelido de “Furiosa” e se tornou o principal grupo da região. Entre os eventos que marcaram sua história estão os festejos em comemoração à instalação do município de Belo Vale em 1939.

A concorrência com outras formas de diversão que surgiram ao longo do tempo, como o rádio, a televisão e a internet, fez com que o apoio às bandas musicais brasileiras variasse ao longo do tempo. O que levou a Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte a vivenciar períodos de intensas atividades e de ostracismos.

A partir de 2011, o grupo passou a contar com o apoio da APHAA-BV, parceria que possibilitou a criação de projetos e a definição de um local fixo para os ensaios. Diferentes gestões da Prefeitura Municipal de Belo Vale contribuíram para a continuidade ou a revitalização da Furiosa. Atualmente, assim como outras manifestações culturais de Belo Vale, ela conta como uma subvenção municipal.

Em 2020, a Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte passou a ser reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial de Belo Vale, ato que celebrou os 100 anos da presença das bandas musicais em nossa cidade.

# CONGADO



O Congado é considerado um importante bem cultural do Brasil. Esse reconhecimento deve-se ao seu valor de antiguidade, já que começou a ser praticado quando ainda éramos colônia de Portugal, e ao seu valor religioso híbrido, ao misturar as heranças culturais europeia e africana em suas crenças e rituais. As práticas ligadas ao congado são realizadas por diferentes grupos (ternos), como o candombe, o congo, o moçambique, os marujos e os catopés.

Destaca-se também o valor estético dos grupos de congado, presente nos ritmos que acompanham os seus cortejos; nas letras das canções, que narram sobre a época do cativo e a fé em Nossa Senhora do Rosário; nas danças marcadas pelos tambores, patangomes e as gungas; e nas roupas e adereços, como os turbantes, os saíotes, os bastões, as espadas, as coroas e os Rosários.

Associação Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário de Belo Vale. Distrito-Sede de Belo Vale.

Patrimônio Cultural registrado em nível municipal pelo Decreto nº 144, de 2016.

Foto superior: Tarcisio Martins, 2013.

Foto inferior: Guilherme Reis, 2016.

**“Dava uns dias de chuva que não dava pra raiar no domingo, porque as caixas ficavam todas mudas. Aí na segunda-feira a gente batia o gunga o dia inteiro. Sol quente e nós raiando.”**

Raimundo Santana (In memoriam).  
Associação do Congado Nossa Senhora do Rosário de Vargem de Santana.

**“Desde de criança via meus pais participando do Congado. Minha mãe era rainha, meu pai participava da Guarda de Vargem de Santana e depois veio participar na de Belo Vale. Na casa do Seu Manoel eu vi o Congado, tinha muitas crianças. Eu vim desta mesma maneira.”**

Gustavo Pinto. Associação Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário de Belo Vale.

José Alves, de Mateus Leme, e o Seu Lodo, nascido em Brumadinho, mudaram-se para Belo Vale na primeira metade do século 20. Trouxeram para cá a prática do congado, desse modo deram origem às Guardas de Moçambique de Vargem de Santana e da sede municipal.



Associação do Congado Nossa Senhora do Rosário de Vargem de Santana. Povoado de Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba. Patrimônio Cultural registrado em nível municipal pelo Decreto nº 144, de 2016.

Foto superior: Tarcisio Martins, 2023.

Foto inferior: Guilherme Reis, 2016.

# FOLIA DE REIS



As Folias de Minas foram registradas como patrimônio cultural de Minas Gerais em 2017. Também denominadas ternos ou companhias, as folias são manifestações culturais e religiosas cujos grupos estruturam-se a partir de sua devoção aos santos, como Reis Magos, Divino Espírito Santo, São Sebastião, São Benedito, Nossa Senhora da Conceição, entre outros.

Geralmente, são formados por cantadores e tocadores, podendo apresentar personagens, como reis, palhaços e bastiões, que visitam casas de devotos distribuindo bênçãos e recolhendo donativos para variados fins.

Em Belo Vale, atualmente, existem quatro grupos de Folia de Reis: a Folia dos Santos Reis, do povoado dos Pintos; a Folia Santa Rosa Mística, da Comunidade da Posse; a Folia de São Sebastião, do povoado de Vargem de Santana; e a Folia do Senhor dos Passos, do povoado de Costas.

---

Folia de Santos Reis.

Povoado de João Alves. Distrito São Sebastião das Lages.

Patrimônio cultural inventariado no município e registrado em nível estadual em 2017.

Fotos: Autor e data desconhecidos. Acervo do grupo Folia de Santos Reis.

# RODA DE CAPOEIRA



Roda de Capoeira e Ofício de Mestre da Capoeira.  
Patrimônio cultural imaterial registrado em nível federal.

Foto: Felipe Teixeira, 2020.

A capoeira é uma expressão cultural afro-brasileira que combina elementos de arte marcial, dança, música e acrobacias. Surgiu no Brasil durante o período colonial, criada por africanos escravizados como uma forma de resistência e preservação cultural.

A prática da Roda de Capoeira e o Ofício de Mestre da Capoeira foram reconhecidos como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro em 2008 e como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade em 2014.

Em Belo Vale, a capoeira é desenvolvida através de grupos e entidades que se apresentam em eventos culturais realizados no município. A Prefeitura de Belo Vale incentiva sua prática através da liberação de recursos públicos (via editais) para projetos que possuam finalidades social, cultural e educativa.

# SEMANA SANTA



Semana Santa de Belo Vale. Distrito-Sede de Belo Vale.  
Patrimônio cultural inventariado em nível municipal.  
Foto: Felipe Teixeira, 2023.

A Semana Santa é uma tradição religiosa cristã que rememora a Paixão, a Morte e a Ressurreição de Jesus Cristo. Ela se inicia no Domingo de Ramos, que marca a chegada de Jesus em Jerusalém, e termina no Domingo de Páscoa, quando se celebra a Ressurreição de Cristo.

As encenações da Semana Santa são manifestações culturais e religiosas realizadas em diversas partes do mundo, com especial destaque em países europeus de tradição católica, como Itália, Portugal, Espanha e França. No Brasil, essas representações teatrais se disseminaram a partir da colonização portuguesa. Variando em escala e forma, elas reconstituem os últimos momentos da vida de Jesus Cristo, como a Última Ceia, a Paixão, Morte e Ressurreição, sendo expressões de fé e devoção populares que atraem milhares de fiéis e turistas.

Em Belo Vale, a encenação da Paixão de Cristo é apresentada durante os ritos da Semana Santa desde a década de 1960.



Cenas da encenação da Paixão de Cristo.  
Fotos: Felipe Teixeira, 2023.

# COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA CHACRINHA DOS PRETOS E DE BOA MORTE



Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos.  
Distrito-Sede de Belo Vale.  
Comunidade Quilombola certificada pela Fundação Cultural Palmares.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

No início dos anos 2000, as comunidades da Chacrinha dos Pretos e de Boa Morte foram reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares como quilombos.

Até um tempo atrás, entendia-se quilombo como uma comunidade criada a partir da fuga de escravos. Ele representava, assim, um lugar de resistência ao sistema escravista e um símbolo de liberdade. Isso mudou. Atualmente, o termo quilombo considera também as antigas comunidades formadas por populações negras que compartilham uma visão de origem comum e uma história de resistência à exclusão social após o fim da escravidão em nosso país. A ideia de liberdade ainda continua central, seja em relação ao sistema escravista ou ao não reconhecimento como um cidadão pleno em nossa sociedade.



Dona Ritinha (*in memoriam*).  
Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Tuquinha – moradora da Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos.  
Foto: Mariana Frizero, 2018.



Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos.  
Distrito de Boa Morte.  
Patrimônio Cultural inventariado no município.  
Foto: Júnio Vitarelli, 2020.

O povoado da Chacrinha dos Pretos formou-se a partir da história de duas fazendas: Chácara e Santa Cecília. Ele tem sua origem em um grupo de famílias de escravizados que foi alforriado no início do século 19. Há 185 anos, geração após geração, seus descendentes continuam habitando esse território.

O povoado de Boa Morte, criado no início do século 18, servia como um ponto de passagem para os viajantes que circulavam entre as localidades situadas dos dois lados da Serra da Moeda. A partir da promulgação da Lei Áurea, de 1888, Joaquim Pinto Rodrigues do Góes Lara, então proprietário da Fazenda Boa Esperança, doou as terras hoje conhecidas como Pasto da Fonte para a Capela de Nossa Senhora da Boa Morte, com o intuito dos ex-escravizados terem um local para morar e continuarem próximos a sua propriedade, onde permaneceram trabalhando. Assim, durante muito tempo, Boa Morte foi povoada pelos libertos e seus descendentes.

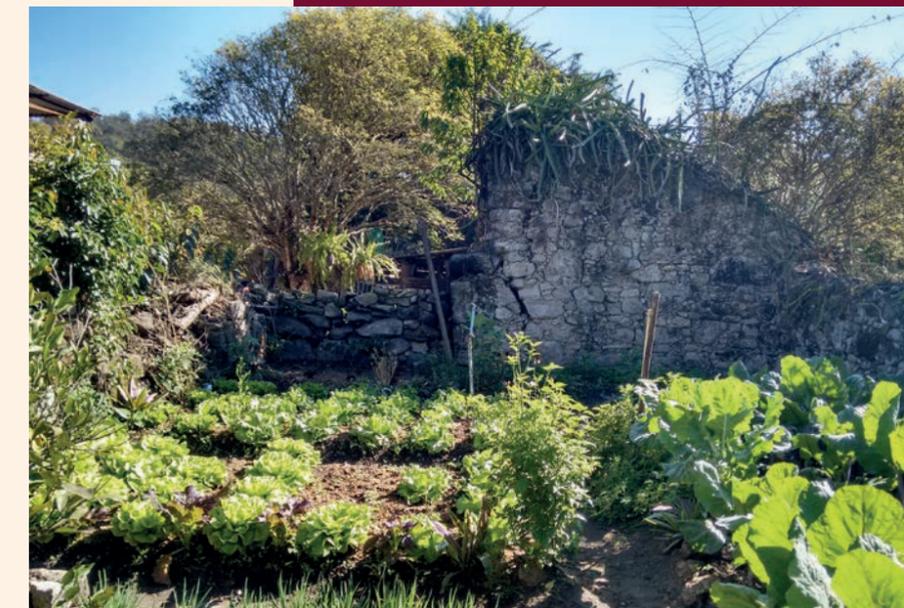
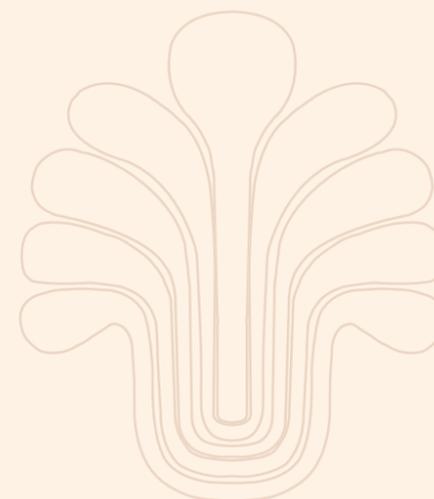


Edinho da Tiuca (*in memoriam*).  
Antigo morador da Comunidade de Boa Morte.  
Foto: Júnio Vitarelli, 2020.



Praça central da Comunidade Quilombola de Boa Morte.  
Distrito de Boa Morte.  
Comunidade Quilombola certificada pela Fundação Cultural Palmares.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

Na Chacrinha dos Pretos e na Boa Morte, a ligação entre o presente e o passado encontra-se em suas paisagens, nas histórias contadas pelos antigos e repassadas às novas gerações e nos saberes e nas devoções que transformam plantas em comida e em remédios para o corpo e alma. Encontra-se também, como no caso da Chacrinha dos Pretos, nas antigas festas juninas, quando o milho deixava verde os campos da fazenda, e nas encenações teatrais, momento em que a arte se volta para a vida que se foi e ainda acontece na comunidade.



Dois tempos: horta cultivada nas ruínas da antiga Fazenda da Chácara.  
Foto: Mariana Frizero, 2018.



Desfile Primavera no Quilombo em 2022.  
Comunidade Quilombola da Chacrinha dos Pretos.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2022.

# MUSEU DO ES CRAVO



Museu do Escravo, criado em 1975 e inaugurado em 1988.  
Distrito-Sede de Belo Vale.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

O Museu do Escravo, espaço dedicado à reflexão sobre a escravidão no Brasil, foi criado oficialmente em 10 de abril de 1975, através da Lei Municipal nº 501/1975, a partir da mobilização criada pelo Padre José Luciano Jacques Penido.

Em 1988, dentro da comemoração dos cem anos da abolição da escravatura em nosso país, o museu foi inaugurado ao lado da Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte, na sede municipal de Belo Vale. Ele é dividido em dois ambientes. Na parte da frente, encontra-se uma edificação que, apesar de não ser antiga, faz alusão aos casarões coloniais. Nos fundos, existe outra edificação, representando uma senzala. Nesses dois ambientes, são expostos diversos objetos, antigos e réplicas, ligados à temática do museu. No pátio central do Museu do Escravo, construíram um pelourinho para simbolizar a violência presente no cotidiano da escravidão.

***O passado e o presente estão na paisagem e em nossas vidas.***

***O presente sempre tem um pouco do passado.***

***O passado sempre tem um pouco do presente.***



Vista geral do Museu do Escravo.  
As edificações fazem alusão a uma casa grande e sua senzala.  
Foto: Imagem capturada de drone modelo DJI Mini 2, 2024. Acervo P.M. Belo Vale.



Interior e acervo do Museu do Escravo - ambiente da Casa Grande.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.



Coleção de objetos que representam os modos de viver da elite no Brasil Colônia e Brasil Império.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

Em 2017, ocorreram intervenções no Museu do Escravo que visaram readequar a maneira de expor seus acervos. No ano seguinte, em meio à comemoração dos trinta anos desse espaço de memória, suas portas foram reabertas ao público. Em 2020, parte da coleção do museu foi submetida a um delicado processo de imunização, a fim de garantir, de maneira preventiva, a conservação destes objetos.

Atualmente, o Museu do Escravo é administrado pela Prefeitura de Belo Vale.



Interior do Museu do Escravo. Ambiente da senzala.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Instrumentos de tortura utilizados durante o período escravocrata no Brasil.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Tronco, instrumento de tortura para punição dos escravizados.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

Foto pág. 104: A obra, que retrata um pelourinho com o corpo de um escravizado, está situada no pátio do Museu do Escravo. Foi criada pelo artista Miguel Randolfo Ávila, conhecido como Miguel Santeiro, natural de São João Del Rey, MG.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Padre José Luciano Jacques Penido.  
Idealizador do Museu do Escravo de Belo Vale.  
Foto: Autor e data desconhecidos. Acervo da Pastoral da comunicação (PASCOM). Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório, Tijuca-RJ.

# BIBLIOTECA MUNICIPAL DONA MARIA JOSÉ JACQUES PENIDO



Biblioteca Municipal Dona Maria José Jacques Penido, inaugurado em 1988.  
Distrito-Sede de Belo Vale.  
Patrimônio cultural inventariado no município.  
Foto: Felipe Teixeira, 2024.

A Biblioteca Municipal Dona Maria José Jacques Penido foi criada, em 1977, pelo Padre José Luciano Jacques Penido. O prédio onde ela se encontra foi construído entre 1985 e 1988, a partir da parceria estabelecida entre o padre e o então prefeito de Belo Vale, o senhor José Fernandes Braga. A biblioteca foi inaugurada junto com o Museu do Escravo, no dia 13 de maio de 1988. Atualmente, esse espaço abriga um importante acervo aberto à pesquisa pública e promove atividades diversas que envolvem o público estudantil da cidade.



Interior da Biblioteca Municipal.  
Fotos: Júnior Vitarelli, 2020.

# DOCUMENTOS MANUSCRITOS



Manuscrito do século 19. Cartório de Registro Civil e Notas Santana do Paraopeba.

Povoado Vila Gameleira. Distrito Santa do Paraopeba.

Patrimônio cultural inventariado no município.

Foto: Júnior Vitarelli, 2020.

# FONTES IMPRESSAS

Fontes históricas impressas referem-se a documentos, publicações e materiais registrados em formato físico (como papel), feito jornais, periódicos, revistas, livros, propagandas, cartazes e relatórios governamentais.

O Belo Vale foi um importante jornal que circulou entre 1933 e 1939, sob o comando do redator Modestino Mello. Ele era publicado, com periodicidade irregular, aos domingos. A leitura de suas páginas nos coloca em contato com o cotidiano de Belo Vale no contexto da emancipação municipal.

Tarcísio Martins, jornalista, escritor e pesquisador sobre a história de Belo Vale, e a professora Denisy Leijoto de Sampaio possuem um acervo deste jornal, doado por Antônio Pinto Júnior, ex-prefeito de Belo Vale.



Coleção Tarcísio Martins. Jornal "O Belo Vale". O exemplar em primeiro plano publica o "Ato de Instalação da Cidade", momento em que Belo Vale foi desmembrado de Bonfim e elevado à categoria de município por meio do Decreto-lei nº 148 de 17/12/1938.

Foto: Tarcísio Martins, 2024.

# FONTES ICONOGRÁFICAS

## FOTOGRAFIAS ANTIGAS

*A fotografia nos lembra que a memória é feita de momentos.  
Juntando momentos, a história imagina o passado.*



Visão panorâmica da sede municipal de Belo Vale na década de 1980.  
Foto: Tarcísio Martins, 1980. Acervo particular.



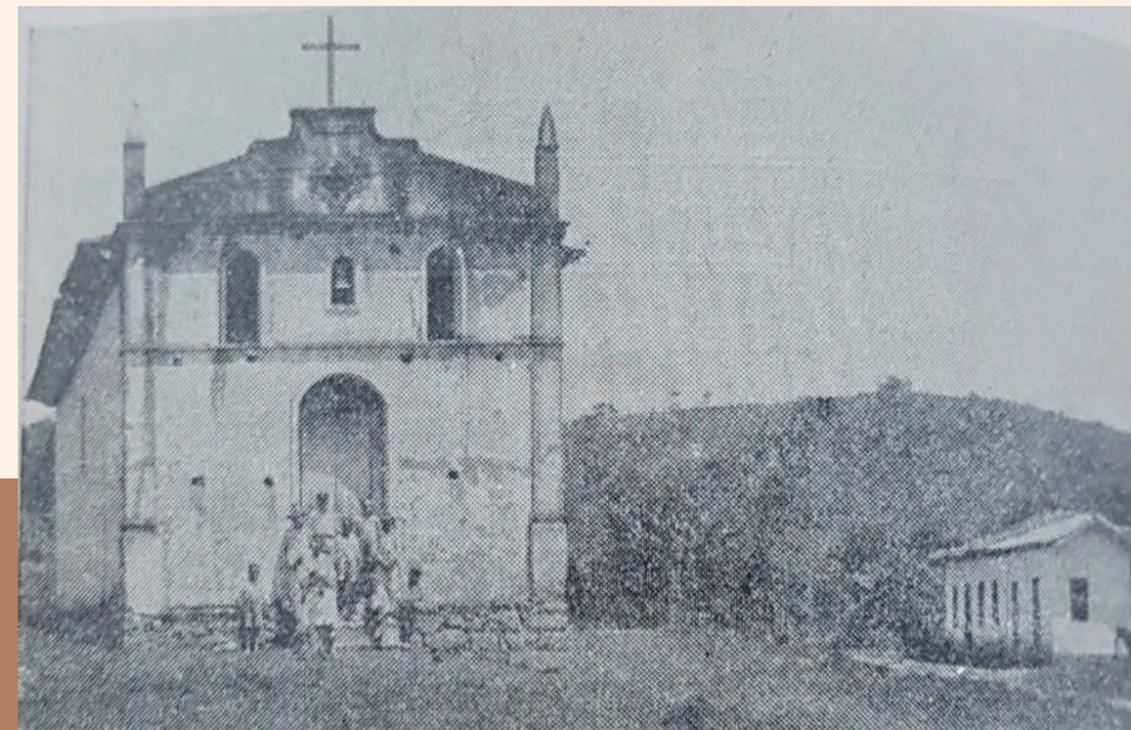
Praça e Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte em 1964.  
Foto: Benedito Geraldo de Castro, 1964. Acervo Tarcísio Martins.



Ato de instalação do Município, realizado no Salão  
do Paço Municipal (Casarão dos Araújo), em 1939.  
Foto: Henrique Jacques Penido, 1939. Acervo Flávio Penido.



Complexo da fábrica de manteiga “Gaivota, Santa Elisa e Orquídea” que funcionou entre os anos de 1922 e 1937.  
Foto: Autor e data desconhecidos. Acervo Tarcísio Martins.



Igreja de Nossa Senhora da Conceição do povoado de Vargem de Santana em 1943.  
Foto: Salomão de Vasconcelos, 1943. Acervo Tarcísio Martins.



Casario à Rua Victor de Freitas, no centro histórico de Belo Vale, em dois momentos.  
Foto à esquerda: Autor e data desconhecidos. Acervo Tarcísio Martins.  
Foto à direita: Tarcísio Martins, 2013.



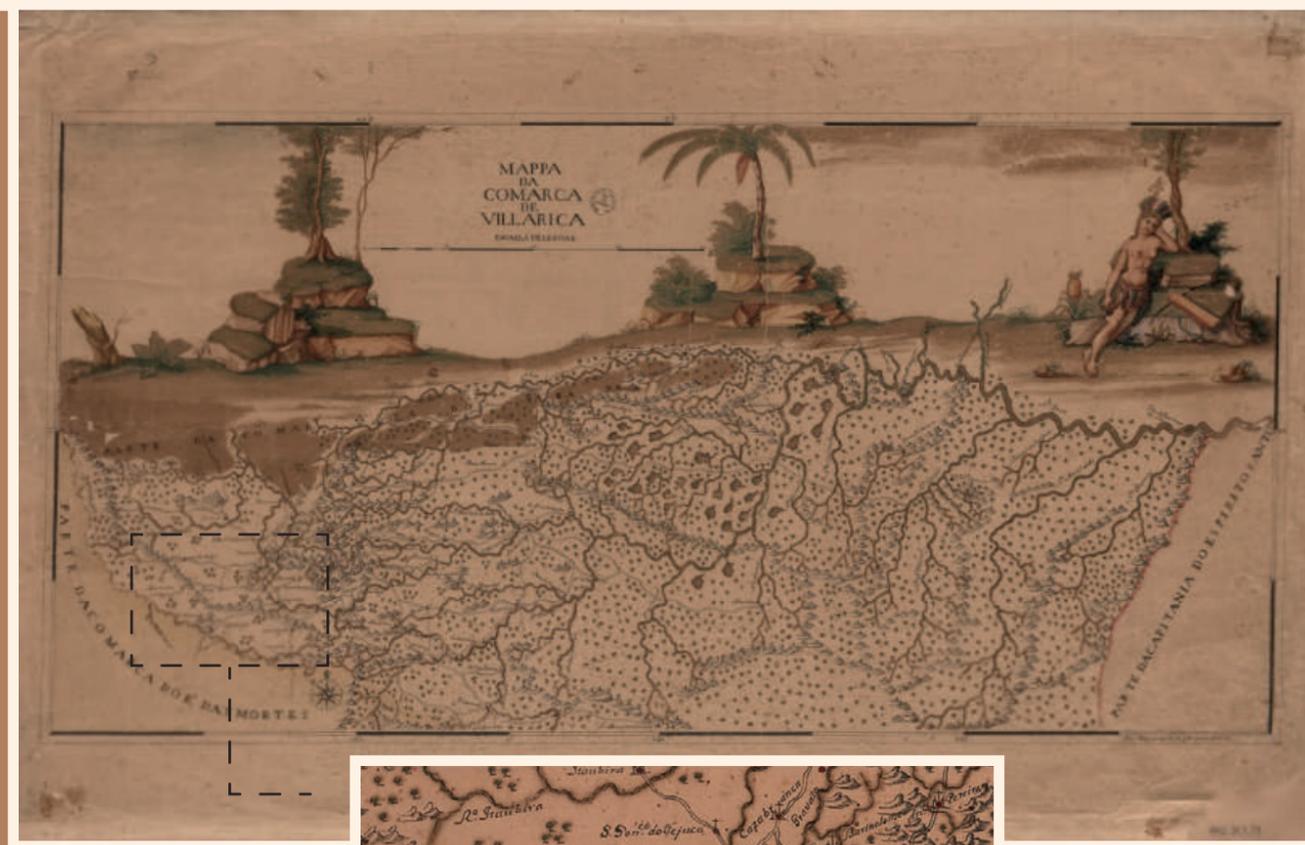
“Charanga e Bloco Academia do Malaquias” organizada por Delfino Malaquias, para agitar o carnaval e jogos de futebol do Carijós em 1962.  
Foto: Autor desconhecido, 1962. Acervo Tarcísio Martins.



Villa Lizota, residência da família do Coronel Pedro Rocha, situada na Rua Pedro Rocha, fotografada em 1930.  
Foto: Autor desconhecido, 1930. Acervo Tarcísio Martins.

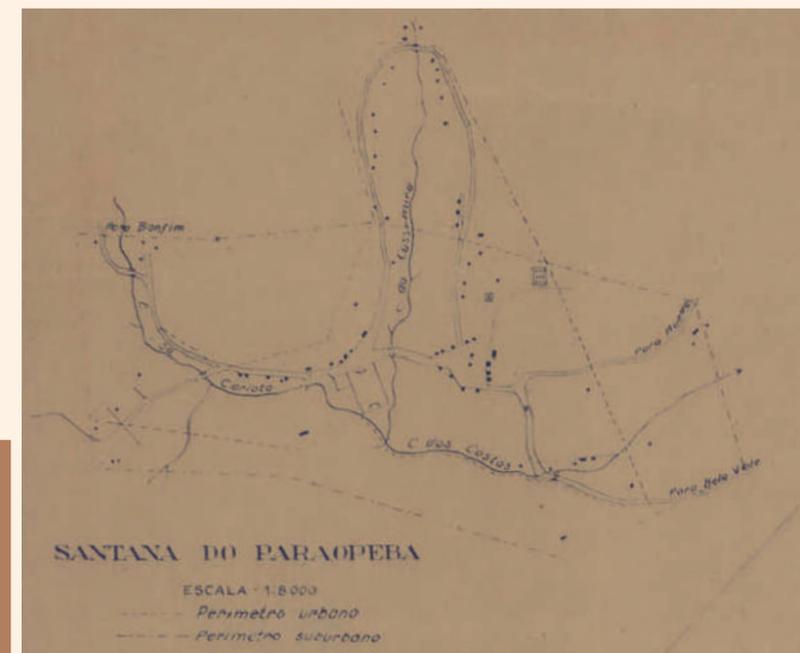
## MAPAS ANTIGOS

Os mapas guardam antigos tesouros.



Mapa da Comarca de Vila Rica produzido por José Joaquim da Rocha em 1779. Em destaque as localidades de Boa Morte e Vila Rica (Ouro Preto).

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte/MG.

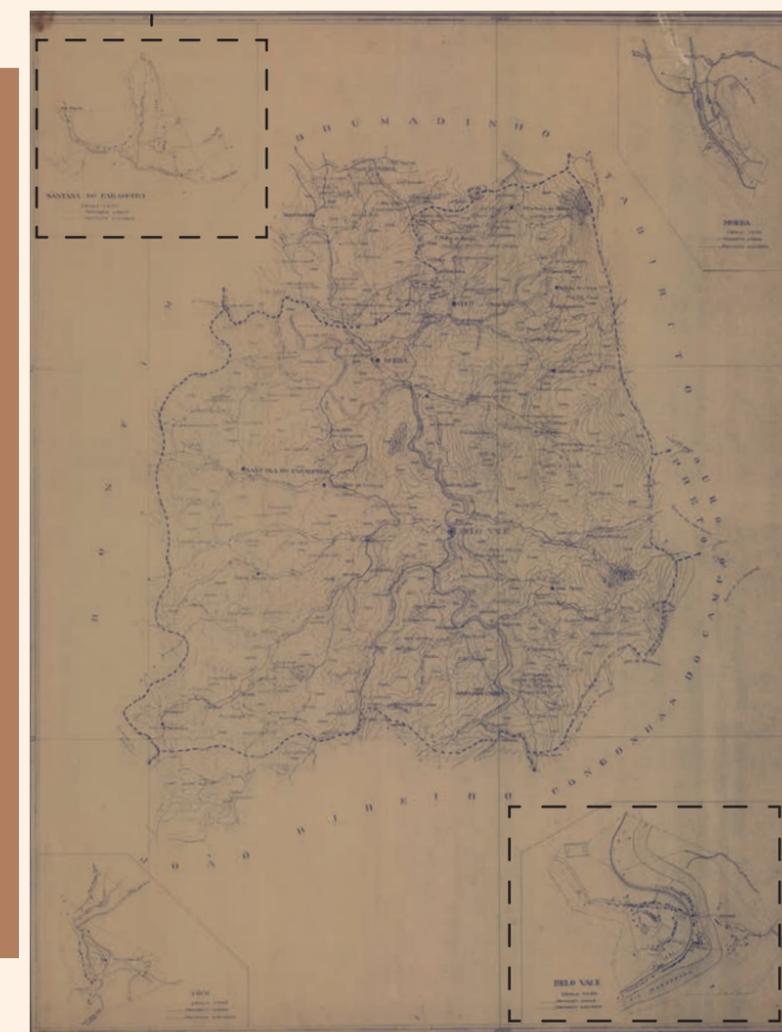


Mapa do município de Belo Vale – Estado de Minas Gerais. 1939.

Destaque para os núcleos urbanos do Distrito de Santana do Paraopeba (atual povoado de Costas) e da Sede de Belo Vale.

Fonte: Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte/MG.

Os mapas desenham a cidade que já foi e a cidade que hoje existe.  
Os mapas são memórias desenhadas.



## PINTURAS

---

Memórias podem ser faladas, escritas, desenhadas, talhadas, pintadas... Todo produto humano conta um pouco sobre sua história, os lugares em que viveu, as paisagens por onde passou.

Maria Campos, renomada artista de uma técnica que ficou conhecida como “realismo ecológico”, nasceu em Belo Vale e registrou em suas obras pessoas e paisagens por onde passava e vivia, entre as quais a sua cidade natal.

Em 2018, a Prefeitura de Belo Vale contratou o artista plástico Hudson Antônio Duarte para restaurar os quadros de Maria Campos, hoje expostos no salão nobre do Casarão dos Araújo.

---



Pinturas de Maria Campos que retratam paisagens de Belo Vale. Sem data definida.  
Foto: Júnior Vitarelli, 2020.



Pinturas de Maria Campos que retratam paisagens de Belo Vale. Sem data definida.  
Fotos: Júnior Vitarelli, 2020.



*O tempo passa, um dia a gente vai embora.  
Fica a obra.  
De alguma maneira, permanecemos.*

# BENS INVENTARIADOS, TOMBADOS E REGISTRADOS EM BELO VALE

A Constituição Brasileira de 1988 define o patrimônio cultural brasileiro como o conjunto dos bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

O patrimônio cultural material é composto por elementos concretos, como as edificações, os objetos, os documentos manuscritos e impressos, as fotografias e os registros audiovisuais. Ele é classificado como móvel (objetos) e imóvel (construções).

O patrimônio cultural imaterial é composto pelos elementos abstratos (não concretos) da cultura, como os saberes, os fazeres artísticos e os rituais civis e religiosos. Ele se perpetua sendo transmitido e reelaborado de geração em geração, e é classificado em quatro tipos: ofícios e saberes; celebrações civis e religiosas; formas de expressão; e lugares.

Existem três instrumentos de identificação e de proteção dos bens culturais: o inventário, o tombamento e o registro.

O Inventário é utilizado na etapa inicial de catalogação dos bens culturais materiais e imateriais que possuem relevância para uma certa sociedade.

O instrumento do Tombamento é acionado para a proteção oficial dos bens culturais materiais, como ocorreu, por exemplo, com o Casarão dos Araújo, a Igreja de Sant'Ana, o Conjunto da Estação Ferroviária, a imagem de São Gonçalo do Amarante, a Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte, a Ponte em Arco e a Estação Ferroviária do Arrojado.

O Registro é utilizado para a proteção legal dos bens culturais imateriais, como ocorreu com as práticas do Congado, a Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte de Belo Vale, a Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos e a Festa de Santana.



## PATRIMÔNIO CULTURAL PROTEGIDO DE BELO VALE

### BENS CULTURAIS TOMBADOS:

**Fazenda Boa Esperança** (bem imóvel: tombamento federal; conjunto paisagístico: tombamento estadual) – área rural do Distrito de Boa Morte;

**Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte** (bem imóvel: tombamento municipal) – Praça Cláudio Pinheiro, s/nº, Centro. Distrito Sede;

**Igreja Matriz de Sant'Ana** (bem imóvel: tombamento municipal) – Povoado de Vargem de Santana. Distrito Santana do Paraopeba;

**Capela de Nossa Senhora de Boa Morte** (bem imóvel: tombamento municipal) – Distrito de Boa Morte;

**Casarão dos Araújo** (bem imóvel: tombamento municipal) – Praça Cláudio Pinheiro, nº 126, Centro. Distrito Sede;

**Casa da Bica de Vargem de Santana** (bem imóvel: tombamento municipal) – Povoado de Vargem de Santana. Distrito Santana do Paraopeba;

**Casinha Velha** (bem imóvel: tombamento municipal) – Povoado de Vargem de Santana. Distrito Santana do Paraopeba;

**Estação Ferroviária do Arrojado** (bem imóvel: tombamento municipal) - Povoado de Arrojado Lisboa. Distrito de Boa Morte;

**Ponte em Arco do Arrojado** (bem imóvel: tombamento municipal) - Povoado de Arrojado Lisboa. Distrito de Boa Morte;

**Conjunto da Estação Ferroviária** (conjunto urbano: tombamento municipal) – Centro. Distrito Sede;

**Conjunto Arqueológico e Paisagístico das Ruínas das Casas Velhas e Calçada de Pedras** (conjunto arqueológico: tombamento municipal) – Serra dos Mascates (Serra da Moeda). Distrito de Boa Morte;

**Conjunto das Ruínas da Fazenda da Chácara** (conjunto arqueológico: tombamento municipal) – Comunidade Quilombola da Chacrinha dos Pretos. Distrito de Boa Morte;

**Imagem de São Gonçalo do Amarante** (bem móvel: tombamento municipal) – Acervo da Igreja Matriz de São Gonçalo da Ponte.

### BENS CULTURAIS REGISTRADOS:

**Roda da Capoeira** (registro federal). Diversas localidades do município;

**Folia de Reis** (registro estadual). Diversas localidades do município;

**Congado de Belo Vale** (registro municipal). Distrito Sede e Distrito Santana do Paraopeba no Povoado de Vargem de Santana;

**Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte** (registro municipal). Distrito Sede;

**Festa de Sant'Ana** (registro municipal) – Povoado de Vargem de Santana. Distrito Santana do Paraopeba;

**Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos** (registro municipal) - Distrito de Boa Morte.



Olhamos para trás e nos vemos no tempo. O tempo da natureza, dos povos indígenas, da colônia, do império, dos trens de passageiros, tudo isso ficou para trás. Mas cada um desses tempos ficou um pouco dentro de nós, nas nossas matas e nos cursos d'água, nas nossas construções, no nosso jeito de falar, na nossa maneira de fazer a comida, de contar um caso e nas nossas formas de crer e de pensar.

O presente tem um pouco do passado, o passado tem um pouco do presente. Esta publicação é um convite para que o leitor viaje pela história de Belo Vale através do seu patrimônio natural e cultural, essa nossa riqueza, onde todos esses diferentes tempos se fundem.



PREFEITURA DE  
**BELO VALE**

Secretaria Municipal de  
**Cultura e Turismo**

ISBN: 978-65-985525-0-3





# BENS CULTURAIS INVENTARIADOS

**ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS:**

Igreja Matriz de São Gonçalo

**1 - Igreja Matriz de São Gonçalo** – Praça Cláudio Pinheiro, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**2 - Museu do Escravo** –Praça Cláudio Pinheiro, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**3 - Biblioteca Municipal Dona Maria José Jacques Penido** –Praça Cláudio Pinheiro, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**4 - Hotel Paraíso** – Pça Cláudio Pinheiro, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**5 - Casarão dos Araújo** – Praça Cláudio Pinheiro, nº 126, Centro. Distrito-Sede;

**6 - Residência** – Pça Cláudio Pinheiro, nº 225, Centro. Distrito-Sede;

**7 - Residência** – Praça Cláudio Pinheiro, nº 135, Centro. Distrito-Sede;

**8 - Residência** – Rua Augusto Pedra, nº 29, Centro. Distrito-Sede;

**9 - Residência** – Rua Augusto Pedra, nº 146, Centro. Distrito-Sede;

**10 - Residência** – Rua Augusto Pedra, nº 234, Centro. Distrito-Sede;

**11 - Residência** – Rua Augusto Pedra, nº 244, Centro. Distrito-Sede;

**12 - Residência** – Rua Augusto Pedra, nº 254, Centro. Distrito-Sede;

**13 - Residência** – Rua Augusto Pedra, nº 282, Centro. Distrito-Sede;

**14 - Residência** – Rua Augusto Pedra, nº 308, Centro. Distrito-Sede;

**15 - Residência** – Rua Augusto Pedra, nº 328, Centro. Distrito-Sede;

**16 - Residência** – Rua Tereziano, nº 27, Centro. Distrito-Sede;

**17 - APHAA de Belo Vale** – Rua Dr. Antônio de Freitas Vitarelli, nº 65, Centro. Distrito-Sede;

**18 - Escola Municipal Maria Pereira da Silva** – Rua Vitor Freitas, nº 58, Centro. Distrito-Sede;

**19 - Restaurante Fogão e Lenha** – Rua Padre Jacinto, nº 255, Centro. Distrito-Sede;

**20 - Loja da Leninha** – R. Padre Jacinto, nº 267, Centro. Distrito-Sede;

**21 - Comercial Vale do Paraopeba** – Rua Padre Jacinto, nº 42, Centro. Distrito-Sede;

**22 - Loja do Empório Real** – Rua Padre Jacinto, nº 64, Centro. Distrito-Sede;

**23 - Loja de Móveis** – Rua Padre Jacinto, nº 92, Centro. Distrito-Sede;

**24 - Residência** – Rua Padre Jacinto, nº 167, Centro. Distrito-Sede;

**25 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 55, Centro. Distrito-Sede;

**27 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 111, Centro. Distrito-Sede;

**28 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 145, Centro. Distrito-Sede;

**29 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 159, Centro. Distrito-Sede;

**30 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 171, Centro. Distrito-Sede;

**31 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 197, Centro. Distrito-Sede;

**32 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 211, Centro. Distrito-Sede;

**33 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 225, Centro. Distrito-Sede;

**34 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 239, Centro. Distrito-Sede;

**35 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 249, Centro. Distrito-Sede;

**36 - Residência** – Rua Governador Valadares, nº 263, Centro. Distrito-Sede;

**37 - Residência** – RFFSA- 3200520, Rua Governador Valadares, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**38 - Residência** – RFFSA- 3200521, Rua Governador Valadares, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**39 - Residência** – RFFSA- 3200522 3200523, Rua Governador Valadares, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**41 - Residência** – RFFSA- 3200519, Pátio da Estação s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**42 - Estação Ferroviária** – Pátio da Estação, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**43 - Plataforma** – Pátio da Estação, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**44 - Residência** – Rua Pedro Rocha, nº 120 (Vila Lizota), Centro. Distrito-Sede;

**45 - Residência** – Rua José Augusto de Resende, nº 52, Centro. Distrito-Sede;

**46 - Escola - Grupo Escolar Gama Cerqueira** – Rua José Augusto de Resende, nº 78, Centro. Distrito-Sede;

**47 - Residência** – Rua José Augusto de Resende, nº 120, Centro. Distrito-Sede;

**48 - Residência** – Av. Tocantins, nº 531, Centro. Distrito-Sede;

**49 - Residência** – Av. Tocantins, nº 546, Centro. Distrito-Sede;

**50 - Residência** – Av. Tocantins, nº 563, Centro. Distrito-Sede;

**51 - Residência** – Av. Tocantins, nº 587, Centro. Distrito-Sede;

**52 - Residência** – Av. Tocantins, nº 657, Centro. Distrito-Sede;

**53 - Residência** – Praça Maria Cordeiro, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**54 - Escola Municipal Rosa Malaquias** – Rua Tupis, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**55 - Residência** – Rua Tapajós, nº 11, Centro. Distrito-Sede;

**56 - Capela Pe. Virgílio** – R. Antônio Martins, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**57 - Hospital Henrique Penido** – Praça Henrique Penido, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**58 - Escola Municipal Nair Teixeira** – Rua Tupiniquins, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**59 - Residência e Comercial** – Rua Pe. Jacinto Pinheiro, nº 54, A, B e C, Centro. Distrito-Sede;

**60 - Comercial** – Rua Pe. Jacinto Pinheiro, nº 64, Centro. Distrito-Sede;

**61 - Comercial** – Rua Pe. Jacinto Pinheiro, nº 92, Centro. Distrito-Sede;

**62 - Fórum** – Rua Pe. Jacinto Pinheiro, nº 134, Centro. Distrito-Sede;

**63 - Comercial** – Rua Pe. Jacinto Pinheiro, nº 163, Centro. Distrito-Sede;

**64 - Residência** – R. Pe. Jacinto Pinheiro, nº 169, Centro. Distrito-Sede;

**65 - Comercial** – Rua Pe. Jacinto Pinheiro, nº 267, 261 e 255, Centro. Distrito-Sede;

**66 - Rodoviária** – Rua Tancredo Neves, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**67 - Residência** – Rua Tancredo Neves, nº 246, Centro. Distrito-Sede;

**68 - Residência** – Rua Paraopeba, nº 219, Centro. Distrito-Sede;

**69 - Residência** – Rua Paraopeba, nº 321, Centro. Distrito-Sede;

**70 - Residência** – Rua Paraopeba, nº 335, Centro. Distrito-Sede;

**71 - Residência** – Rua Paraopeba, nº 338, Centro. Distrito-Sede;

**72 - Praça Maria Cordeiro** – Distrito-Sede;

**73 - Residência** – Pça Acácio Guimarães, nº 14, Centro. Distrito-Sede;

**74 - Comercial** – Pça Acácio Guimarães, nº 23, Centro. Distrito-Sede;

**75 - Residência** – Av. Gonçalo Álvares, nº 247, Centro. Distrito-Sede;

**76 - Câmara Municipal** – Rua Antônio Alves Filho, s/nº, Centro. Distrito-Sede;

**77 - Capela Nossa Senhora do Rosário** – Rua Timbiras, nº 737, B. Carijós. Distrito-Sede;

**78 - Fazenda Boa esperança** – Área Rural. Distrito de Boa Morte;

**79 - Igreja de Sant’Ana** – Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**80 - Igreja Nossa Senhora da Conceição** – Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**81 - Residência 1** – Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**82 - Residência 2** – Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**83 - Residência 3 (Casa da Bica)** – Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**84 - Residência 4 (Casa pequena da Bica)** – Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**85 - Fazenda Recanto Santana de Nossa Senhora das Graças** – Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**86 - Residência 1** – Povoado dos Borges. Distrito de Santana do Paraopeba;

**87 - Residência 2** – Povoado dos Borges. Distrito de Santana do Paraopeba;

**88 - Capela de Senhor dos Passos** – Povoado dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**89 - Cemitério** – Povoado dos Costas. Dist. de Santana do Paraopeba;

**90 - Residência** – Fazenda Jatobá, Povoado dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**91 - Campo do Botafogo F.C.** – Povoado dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**92 - Edificação à Rua União s/nº (residência)** – Povoado dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**93 - Ruínas da antiga escola** – Povoado dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**94 - Edificação à Rua União s/nº (Antiga escola)** – Povoado dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**95 - Ruínas de Pedra à Rua União, s/nº** – Povoado dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**96 - Ruínas Antigo Sobrado à Rua União, s/nº** – Povoado dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**97 - Sítio Lambari** – Zona rural do Povoado João Alves. Distrito de Santana do Paraopeba;

**98 - Capela de Nossa Senhora da Conceição** – Povoado Palmital. Distrito de Santana do Paraopeba;

**99 - Escola Municipal Thiago Theodoro** – Povoado Palmital. Distrito de Santana do Paraopeba;

**100 - Capela de Santa Luzia** – Povoado Salgado. Distrito de Santana do Paraopeba;

**101 – Antigo Pontilhão ferroviário sobre o Rio Paraopeba** – Área rural. Distrito de Santana do Paraopeba;

**102 - Ruínas da Fazenda da Chácara** – Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos. Distrito de Boa Morte;

**103 - Escola Municipal Valeriano José da Silva** – Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos. Distrito de Boa Morte;

**104 - Estação Ferroviária** – Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos. Distrito de Boa Morte;

**105 - Capela de Nossa Senhora do Bom Parto e São Sebastião** – Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos. Distrito de Boa Morte;

**106 - Residência** – Rua 7 de Setembro, nº 274, Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos. Distrito de Boa Morte;

**107 - Residência** – Rua 7 de Setembro, s/nº, Comunidade Quilombola Chacrinha dos Pretos. Distrito de Boa Morte;

**108 - Capela Nossa Senhora da Boa Morte** –Comunidade Quilombola de Boa Morte. Distrito de Boa Morte;

**109 - Residência 1** – Comunidade Quilombola de Boa Morte. Distrito de Boa Morte;

**110 - Residência 2** – Comunidade Quilombola de Boa Morte. Distrito de Boa Morte;

**111 - Residência 3** – Comunidade Quilombola de Boa Morte. Distrito de Boa Morte;

**112 - Residência 4 (edificação em ruína)** – Comunidade Quilombola de Boa Morte. Distrito de Boa Morte;

**113 - Escola Municipal Mestra Macrina Augusta** – Comunidade Quilombola de Boa Morte. Distrito de Boa Morte;

**114 - Cemitério** – Comunidade Quilombola de Boa Morte. Distrito de Boa Morte;

**115 - Estação Ferroviária** - Povoado de Arrojado Lisboa. Distrito de Boa Morte;

**116 – Passagem inferior de nível** - Povoado de Arrojado Lisboa. Distrito de Boa Morte;

**117 - Capela de Nossa Senhora da Conceição** - Povoado de Arrojado Lisboa. Distrito de Boa Morte;

**118 - Sítio Santa Cruz** - Povoado de Arrojado Lisboa. Distrito de Boa Morte;

**119 - Fazenda Córrego de Areia** – Povoado de Arrojado Lisboa. Distrito de Boa Morte;

**120 - Fazenda dos Caçulas** – Área rural. Distrito de Boa Morte;

**121 - Forte das Casas Velhas** – Serra dos Mascates (Serra da Moeda). Distrito de Boa Morte;

**122 - Calçada de Pedras** – Serra dos Mascates (Serra da Moeda). Distrito de Boa Morte;

**123 - Casarão** – Fazenda Laranjeiras, B. Povoado de Boa Esperança. Distrito de Boa Morte;

**124 - Capela de São José** – Povoado dos Pintos. Distrito de Boa Morte; bastião das Lages;

**125 - Escola Municipal Eugênio Sampaio** – Povoado dos Pintos. Distrito de Boa Morte;

**126 - Residência sede Fazenda das Amoreiras** – Povoado dos Pintos. Distrito de Boa Morte;

**127 - Residência secundária Fazenda das Amoreiras** – Povoado dos Pintos. Distrito de Boa Morte;

**128 - Igreja de Santo Antônio** – Povoado de Pintos. Distrito de Boa Morte;

**129 - Residência** – Povoado de Pintos. Distrito de Boa Morte;

**130 - Igreja de Santo Antônio** – Rua João Fernandes dos Santos, s/nº – Povoado Roças Novas de Baixo. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**131 - Residência 1** – Rua João Fernandes dos Santos, s/nº, Povoado Roças Novas de Baixo. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**132 – Residência 2** – Rua João Fernandes dos Santos, s/nº, Povoado Roças Novas de Baixo. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**133 - Residência 1** – Povoado Roças Novas de Baixo. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**134 - Residência 2** – Povoado Roças Novas de Baixo. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**135 - Escola Municipal Padre Virgílio** – Povoado Roças Novas de Baixo. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**136 - Igreja de São Vicente** – Largo da Igreja, Povoado Roças Novas de Cima. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**137 - Cemitério** – Povoado Roças Novas de Baixo. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**138 - Residência 1** – Povoado Roças Novas de Cima. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**139 - Residência 2** – Rua Alegria, nº 08, Povoado Roças Novas de Cima. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**140 - Casa de Apoio de Helena do Carmo Fernandes** – Povoado Roças Novas de Cima. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**141 - Escola Municipal José Pinto** – Região de José Pinto. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**142 - Fazenda do Bidí** – Povoado Roças Novas de Cima. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**143 - Residência** – Povoado Roças Novas de Cima. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**144 - Casarão** – Povoado Noiva de Cordeiro. Distrito Roças Novas dos Bandeirantes;

**145 - Residência** – Rua Santana, s/nº, Furnas. Distrito de São Sebastião das Lages;

**146 - Residência** – Sítio Furnas. Distrito de São Sebastião das Lages;

**147 - Cemitério** – Povoado de Lajes, Distrito de São Sebastião das Lages;

**148 - Capela de São Sebastião** – Povoado de Lages, Distrito de São Sebastião das Lages;

**149 - Residência** – Sítio Lages, Povoado de Lages, Distrito de São Sebastião das Lages;

**150 - Residência** – Fazenda Córrego da Conceição, Lages, Distrito de São Sebastião das Lages;

**151 - Residência** – Fazenda João Alves, Povoado de João Alves. Distrito de São Sebastião das Lages;

**152 - Residência** – Fazenda Geraldo Alves, Povoado de João Alves. Distrito de São Sebastião das Lages;

**153 - Residência** – Fazenda Boa Vista, Povoado de João Alves. Distrito de São Sebastião das Lages;

**154 - Capela de Santo Antônio** – Povoado de João Alves. Distrito de São Sebastião das Lages;

**155 - Capela de São Sebastião** – Povoado de Laranjeiras. Distrito Chácara dos Cordeiros;

**156 - Cemitério** – Povoado de Laranjeiras. Dist. Chácara dos Cordeiros;

**157 - Prédio da antiga Escola Municipal Benedito Valadares** – Povoado de Laranjeiras. Distrito Chácara dos Cordeiros;

**158 - Capela de Santa Efigênia** – Distrito Chácara dos Cordeiro;

**159 - Escola Municipal José Antônio Cordeiro** – Distrito Chácara dos Cordeiros;

**160 - Casa Paroquial** – Distrito Chácara dos Cordeiros;

**161 - Capela de São Sebastião** – Povoado de Curral Moreira. Distrito Chácara dos Cordeiros;

**162 - Escola Municipal Melo Viana** – Povoado de Curral Moreira. Distrito Chácara dos Cordeiros;

**163 - Capela de Nossa Senhora da Conceição** – Povoado de Curral Moreira. Distrito Chácara dos Cordeiros;

## BENS MÓVEIS / INTEGRADOS

## 164

**164 - Caixa D'água** – Acervo do Conjunto Estação da Estação Ferroviária. Distrito-Sede;

**165 - Quadro** – Av. Gonçalves Álvares, nº 247, Centro. Distrito-Sede;

**166 – Arco-cruzeiro** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**167 - Balaustrada da Nave** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**168 - Coro** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**169 - Cristo Crucificado** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede.

**170 - Imagem de São Gonçalves** – Acervo Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**171 - Forro da Capela Mor** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**172 - Forro da Nave** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**173 - Lavabo parietal** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**174 - Pintura parietal** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**175 - Púlpito** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**176 - Pintura parietal: Santa Ceia** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**177 - Retábulo Colateral direito** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**178 - Retábulo colateral esquerdo** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**179 - Retábulo-Mor** – Acervo da Matriz de São Gonçalves. Distrito-Sede;

**180 – Arco-cruzeiro** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**181 - Balaustrada do coro** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**182 - Balaustrada da nave (cancelo)** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**183 - Crucifixo** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**184 - Decoração do batistério** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**185 - Forro da capela-mor** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**186 - Imagem: Nossa Senhora do Rosário** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**187 - Imagem: Sant’Ana** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**188 - Imagem: Santo Antônio** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**189 - Imagem: São Francisco de Paula** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**190 - Imagem: São Joaquim** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**191 - Imagem: São José de Botas** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**192 - Imagem: São Miguel Arcanjo** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**193 - Imagem: São Sebastião** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**194 - Pia Batismal** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**195 - Pias de água benta da capela-mor (2 un.)** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**196 - Pias de água benta da nave (2 un.)** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**197 - Pintura parietal: Nascimento de Jesus Cristo** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**198 - Pintura parietal: Batismo de Cristo** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**199 - Pintura parietal: Crucificação de Cristo** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**200 - Pintura parietal: Descendimento da cruz** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**201 - Pintura parietal: Anjo anuncia a ressurreição de Cristo** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

# REFERÊNCIAS

## FONTES PRIMÁRIAS

ARQUIVO ECLESIAÍSTICO DA ARQUIDIOCESE DE MARIANA. **Provisão da Igreja de Santana. Santana do Paraopeba**. Livro de Provisões – 1748-1750, folhas 233-234.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Coleção Mapas de população. Mapa de Santana do Paraopeba de 1832, Vila de Queluz. MP-Cx. 04-Doc.17, Rolo-02/Flash-02. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/fundos\_colecoes/MP/INVENTARIO\_DA\_COLECAO\_MAPAS\_POPULACAO.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019

ASSOCIAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E AMBIENTAL DE BELO VALE. **Projeto Arquitetônico de Restauração da Capela de Nossa Senhora da Boa Morte – Belo Vale/MG**. 2011. 152p.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Mapa da Comarca de Vila Rica produzido por José Joaquim da Rocha em 1779. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo\_digital/div\_cartografia/-cart1090219/cart1090219.html>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

COSTA, Antônio Eduardo; RENGER, Friedrich Ewalde; FURTADO, Júnia Ferreira; SANTOS, Márcia Maria Duarte dos. **Cartografia das Minas Gerais: da Capitania à Província**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

FERREIRA, Jurandyr Pires (Org.). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Belo Vale, 1959. 457p.

INSTITUTO MINEIRO DE GESTÃO DAS ÁGUAS. **Mapas da Bacia Hidrográfica do São Francisco**. Unidade de Planejamento e Gestão de Recursos Hídricos do Rio Paraopeba. 2010. Disponível em: <http://www.igam.mg.gov.br/geoprocessamento/index.php?option=com\_content&view=article&id=1259>. Acesso em: 10 mar. 2018.

MATOSO, Códice Costa. **Coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-geral das do Ouro Preto, de que tomou posse em fevereiro de 1749, & vários papéis**. Coordenação de Luciano Raposo de Almeida Figueiredo e Maria Verônica Campos. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1999, 2v. (Coleção Mineiriana).

MINAS GERAIS. Mapa do Estado de Minas Gerais: Belo Vale. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes\_formats\_docs/photo.php?lid=1010>. Acesso em: 10 nov. 2017.

**221 - Imagem do Senhor dos Passos** – Acervo da Igreja de Santo Antônio. Povoado Roças Novas de Baixo. Distrito de Roças Novas dos Bandeirantes;

**222 - Imagem de Nossa Senhora da Guia** – Povoado Roças Novas de Cima. Distrito de Roças Novas dos Bandeirantes;

## SÍTIOS NATURAIS

**223 - Córrego de Santana/Córrego dos Costas** – Distrito de Santana do Paraopeba;

## ARQUIVOS

**224 - Cartório de Registro Civil** – Av. Gonçalo Álvares, nº 247,Centro. Distrito-Sede;

**225 - Cartório de Registro Civil e Notas de Santana do Paraopeba** – Rua Antônio Vieira dos Santos, 299, Vila Gameleira. Distrito de Santana do Paraopeba;

## PATRIMÔNIO IMATERIAL

**226 - Associação Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário de Belo Vale** – Rua Timbiras, 737, B. Carijós. Distrito-Sede;

**227 - Semana Santa de Belo Vale** – Igreja Matriz de São Gonçalo, Centro. Distrito-Sede;

**228 - Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte** – Distrito-Sede;

**229 - Pré-Carnaval: Bloco Mamãe Virei Bicha** – Distrito-Sede;

**230 - Folia de Reis** – Povoado de João Alves. Distrito de São Sebastião das Lages;

**231 - Devoção a Nossa Senhora da Guia** – Povoado Roças Novas de Cima. Distrito de Roças Novas dos Bandeirantes;

**232 - Comunidade Noiva do Cordeiro** – Povoado Noiva do Cordeiro. Distrito de Roças Novas dos Bandeirantes;

**233 - Festa de Santana** – Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**234 – Devoção a Nossa Senhora da Conceição** – Povoado de Palmital. Distrito de Santana do Paraopeba.

**202 - Pintura parietal: Aparição de Nossa Senhora de Fátima** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**203 - Pintura parietal: Painéis vazados** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**204 - Retábulo colateral esquerdo** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**205 - Retábulo-mor** – Acervo Igreja de Sant’Ana, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**206 - Imagem: Nossa Senhora do Rosário** – Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**207 - Retábulo-mor** – Acervo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Povoado Vargem de Santana. Distrito de Santana do Paraopeba;

**208 - Imagem de Nosso Senhor dos Passos** – Acervo da Capela do Senhor dos Passos. Povoado dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**209 - Imagem de Nossa Senhora das Dores** – Acervo da Capela do Senhor dos Passos. Povoado dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**210 - Cruzeiro** – Imediações do Córrego do Marinho e do Córrego dos Costas. Distrito de Santana do Paraopeba;

**211 - Cruzeiro** – Acervo da Capela de São Sebastião, Povoado de Laranjeiras. Distrito Chácara dos Cordeiros;

**212 - Confessionário** – Acervo da Capela de São Sebastião, Povoado de Laranjeiras. Distrito Chácara dos Cordeiros;

**213 - Mesa** – Acervo da Capela de São Sebastião, Povoado de Laranjeiras. Distrito Chácara dos Cordeiros;

**214 - Cruzeiro** – Povoado de Curral Moreira. Distrito Chácara dos Cordeiros;

**215 - Cuscuzeira** – Povoado de Chacrinha dos Pretos. Distrito de Boa Morte;

**216 - Cruzeiro** – Comunidade Quilombola de Boa Morte. Distrito de Boa Morte;

**217 - Mobiliário da Fazenda das Amoreiras** – Acervo da Fazenda das Amoreiras, Povoado de Pintos. Distrito de Boa Morte;

**218 - Alambique Serra Morena** – Fazenda Laranjeiras B, Povoado de Boa Esperança. Distrito de Boa Morte;

**219 - Imagem da Nossa Senhora da Conceição** – Acervo particular. Povoado Roças Novas de Baixo. Distrito de Roças Novas dos Bandeirantes;

**220 - Imagem de Santo Antônio** - Acervo particular. Povoado Roças Novas de Baixo. Distrito de Roças Novas dos Bandeirantes;

PENIDO, Maria Custódia Nogueira. **Inventário**. Cartório Arnaud Marinho, Pará de Minas, maço 64, processo 1765, 2º Ofício. 1883, 90p.

PENIDO, Padre José Nogueira. **Cópia do testamento do Padre José Nogueira Penido registrado em 1839**. 1913, 6p.

VASCONCELOS, Barão de; VASCONCELOS, Barão Smith de. **Arquivo Nobiliárquico Brasileiro**. La Concorde: Laussana, 1918. 610p.

## FONTES SECUNDÁRIAS

ANDRADE, Francisco Eduardo. A conversão do sertão: capelas e governamentalidade nas Minas Gerais. **Revista Vária História**, Belo Horizonte, v. 23, n. 37, p.151-166, 2007.

ANTONIL, André João (João Antônio Andreoni). Pelas minas de ouro. In: **Cultura e opulência do Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1967. p. 255-304.

ARAÚJO, Luiz Antônio Silva. **Contratos nas Minas Setecentistas. O estudo de um caso – João de Souza Lisboa (1745-1765)**. X SEMINÁRIO SOBRE A ECONOMIA MINEIRA, 2002. Disponível em: <https://ideas.repec.org/s/cdp/diam02.html>. Acesso em: 01 nov.2017.

ARTEFACTTO CONSULTORIA. **Relatório Resgate Arqueológico Mina Viga-Ferous**. Municípios Congonhas e Jeceaba – MG. Vol. 01 e 02. Belo Horizonte, maio de 2014.

BAETA, Alenice; PILÓ, Henrique (Org.). **Carta Arqueológica de Congonhas**. Belo Horizonte: Ed. Orange / Ferrous. 2015. 192p.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. Dos caminhos pré-históricos às rodovias asfaltadas. In: **História de Minas Gerais**. 1979. p.469-495.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda,1995.

BARREIROS, Eduardo Canabrava. **Roteiro das Esmeraldas: a bandeira de Fernão Dias Pais**. Livraria José Olympio Editora / MEC: Rio de Janeiro, 1979.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Pioneira Editora, 1989.

BENTO, Antônio. **O Realismo Ecológico de Maria Campos**. Rio de Janeiro, Egral: Empreendimentos Gráficos, 1981. 122p.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder**: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

COELHO, Beatriz (Org.). **Devoção e Arte:** imaginária religiosa em Minas Gerais. São Paulo: EDUSP. 2005, 290p.

COSTA E SILVA, Alberto da. **A enxada e a lança:** a África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992.

ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Pluto Brasiliensis.** Trad. Domício de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Ltda; São Paulo: EDUSP, v.1 e 2,1979.

FERRAND, Paul. Explorações antigas. In: **O ouro em Minas Gerais.** Trad. Júlio Castanõn Guimarães. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998. p.91-131.

GUIMARÃES, André Rezende. **Inácio de Souza e os falsários do Paraopeba:** Minas Gerais nas redes mundializadas do século XVIII. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. 295f.

GUIMARÃES, Carlos Magno et al. **Antropologia e arqueologia da Chacrinha dos Pretos (Belo Vale/MG):** uma abordagem preliminar. Belo Horizonte: Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Relatório final, v. 2 (Arqueologia), 2013. 219p.

GUIMARÃES, Carlos Magno; REIS, Flávia Maria da Mata Reis. Agricultura e mineração no século XVIII. In: VILLALTA, Maria Efigênia Lage de Resende e Luiz Carlos (Org.). **As Minas Setecentistas.** Volume 1. Belo Horizonte: Editora Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p.321-336.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Metais e pedras preciosas. In: **História geral da civilização brasileira.** São Paulo: Difel, t.1, v. 2, 1985. p.259-310.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **História. Belo Vale Minas Gerais - MG.** Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/belo-vale/historico. Acesso em 19/09/2024.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICOS DE MINAS GERAIS. **Relatório de Avaliação para Tombamento do Conjunto Arqueológico da Chacrinha dos Pretos.** 2015, 166p.

JOSÉ, Oiliam. **Indígenas de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Movimento e Perspectiva. 1965.

LANGE, Francisco Curt. Las bandas de música en el Brasil. **Revista musical chilena,** v. 51, n. 187, 1997.

LEMOS, Celina Borges; PAIVA, José Eustáquio Machado de. Patrimônio, Cultura e Meio Ambiente na Serra da Moeda – resíduos e reminiscências do espaço-temporal colonial. In: **Anais do XIV Seminário sobre a Economia Mineira.** 2010. Disponível em: https://e-conpapers.repec.org/bookchap/cdpdiam10/083.htm. Acesso em: 10/11/2017.

LIBBY, Douglas Cole. As populações escravas das Minas Setecentistas: um balanço preliminar. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.) **As Minas Setecentistas.** Volume 1. Belo Horizonte: Editora Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p.407-438.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. **A capitania de Minas Gerais:** origem e formação. 3. ed. Belo Horizonte: Instituto de História, Letras e Arte, 1965.

LIMA, Kleverson Teodoro de. **Projeto de prospecção do patrimônio documental de Belo Vale.** Lagoa Santa: Clio - Ensino e Pesquisa, 2018. 45p.

MARTINEZ, Cláudia Eliane Parreiras Marques. **Cinza do passado: riqueza e cultura material no Vale do Paraopeba, Minas Gerais (1840/1916).** Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. 314p.

MARTINS, Tarcísio. **Memórias: Retratos da Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte de Belo Vale.** Belo Horizonte: APHAA-BV, 2017. 96p.

MARX, Murilo. Arraiais mineiros: relendo Sylvio de Vasconcellos. **Revista Barroco,** Belo Horizonte, nº 15, 1990/1992.

MATOS, Raimundo José da Cunha. Comarca de Ouro Preto. In: **Corografia histórica da Província de Minas Gerais (1837).** São Paulo: EDUSP, v. 1, 1981.

MOURA, Antônio de Paiva. **A herança de Sobreira.** 2. ed. Belo Horizonte: Editora Comissão Mineira de Folclore, 2019. 96p.

\_\_\_\_\_. **Médio Paraopeba e seu saber viver.** Bonfim: Prefeitura Municipal, 2014. 195p.

MOURA, Antônio Geraldo Malta de. **Seguindo Viagem de Belo Vale....** Belo Horizonte: Promove Artes Gráficas e Editora, 2012. 131p.

O'DWIER, Eliane Cantarino. Introdução: Os quilombos e a prática profissional dos Antropólogos. In: **Quilombos: identidade étnica e territorialidade.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

OLIVEIRA, Ronald Polito de; LIMA, José Arnaldo Coêlho de Aguiar (Org.). **Visitas Pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825).** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998.

PACHECO, Paulo Henrique Silva. A origem branca da devoção negra do Rosário. **Revista Tempo de Conquista,** 12p. 2014.

PEREIRA, Alexandra Maria. Trajetórias individuais: uma proposta metodológica para o estudo dos comerciantes nas Minas Setecentistas. **Locus: Revista de História,** Juiz de Fora, v. 22, n. 2, p. 481-500, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Correntes, campos temáticos e fontes: uma aventura da História. In: **História e História Cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.69-98.

PREFEITURA DE BELO VALE. **Processo de Registro da Banda de Música Santa Cecília de São Gonçalo da Ponte.** 2020. 101p.

\_\_\_\_\_. **Processo de Registro da Comunidade Quilombola da Chacrinha dos Pretos.** 2021. 234p.

\_\_\_\_\_. **Processo de Registro da Festa de Santana.** 2022.95p.

\_\_\_\_\_. **Processo de Registro do Congado de Belo Vale.** 2016. 108p.

\_\_\_\_\_. **Processo de Tombamento da Capela de Nossa Senhora de Boa Morte.** 2021. 119p.

\_\_\_\_\_. **Processo de Tombamento da Casa da Bica de Vargem de Santana.** 2014. 197p.

\_\_\_\_\_. **Processo de Tombamento do Conjunto das Ruínas da Fazenda da Chácara.** 2022. 185p.

\_\_\_\_\_. **Processo de Tombamento da Igreja de Santana.** 2017. 91p.

\_\_\_\_\_. **Processode Tombamento da Igreja Matriz de São Gonçalo.** 2021. 150p.

\_\_\_\_\_. **Processo de Tombamento da Casinha Velha.** 2022. 80p.

\_\_\_\_\_. **Processo de Tombamento da Ponte de Arco do Arrojado.** 2023. 70p.

\_\_\_\_\_. **Processo de Tombamento da Estação Ferroviária do Arrojado.** 2023. 85p.

PREFEITURA DE MOEDA. **Dossiê de Tombamento Municipal de Conjunto Paisagístico da Serra da Moeda.** 2004.

RIBEIRO, Edmilson Wagner. **Os Congados, os ternos de Moçambique, Congo e Marujo e suas manifestações rítmicas.** Belo Horizonte: Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

RIBEIRO, Núbia Braga. **Os povos indígenas e os sertões das Minas do ouro no século XVIII.** São Paulo: Faculdades de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de São Paulo (USP), 2008. 405p.

SANTIAGO, José Jorge Pinto. Das práticas musicais aos arquivos vivos: bandas brasileiras, literatura local e a cidade. **Revista Redial,** n. 8/9, 1997/1998.

SANTOS, Luana Carla Martins. Patrimônio arqueológico da Serra da Moeda, Minas Gerais: uma unidade histórico-cultural. **Revista CPC,** São Paulo, n. 13, p. 6-31, nov. 2011/abr. 2012.

SILVA, Flávio Marcus da. Práticas comerciais e o abastecimento alimentar em Vila Rica na primeira metade do século XVIII. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de Resende; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). **As Minas Setecentistas.** Volume 1. Belo Horizonte: Editora Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p.359-376.

SOLÁ, Maria Elisa Castellanos; GUIMARÃES, Carlos Magno; PAIVA, José Eustáquio Machado de (Org.). **Patrimônio Natural-Cultural e Zoneamento Ecológico-Econômico da Serra da Moeda: uma contribuição para sua conservação.** 2 vols. Belo Horizonte: Brandt Meio Ambiente, 2008.

TAUNAY, Afonso de E (Org.). **Relatos sertanistas.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.

VASCONCELLOS, Salomão de. **Bandeirismo.** Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1944, p.43.

\_\_\_\_\_. Belo Vale na cronologia histórica mineira. **Folha de Minas,** 1943.

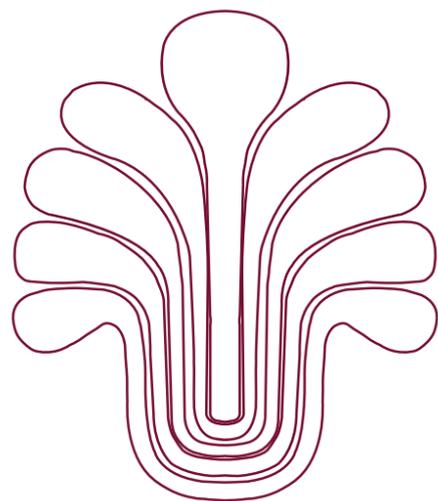
VASCONCELOS, Diogo de. **História antiga das Minas Gerais.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1974.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Antes de Minas: fronteiras coloniais e populações indígenas. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos Villalta (Org.). **As Minas Setecentistas.** Volume 1. Belo Horizonte: Editora Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p.87-102.

VILLALTA, Luiz Carlos. A Igreja, a sociedade e o clero. In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de; VILLALTA, Luiz Carlos (Org.). **As Minas Setecentistas** Volume 2. Belo Horizonte: Editora Autêntica; Companhia do Tempo, 2007. p.25-58.

WELLS, James W. **Explorando e viajando** – Três mil milhas através do Brasil – do Rio de Janeiro ao Maranhão. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995, vol. I.

ZAMELLA, Mafalda. **O abastecimento da Capitania de Minas Gerais.** São Paulo: HUCITEC; EDUSP, 1990.



**PREFEITURA DE BELO VALE**

**Secretaria Municipal de Cultura e Turismo**  
Pátio da Estação, s/nº, Centro, Belo Vale, CEP. 35473-000  
cultura@belovale.gov.br  
(31) 3734-1349

---

**PÓLEN CONSULTORIA, PATRIMÔNIO E PROJETOS**

contato@polenprojetos.com.br  
(31) 98749-9359

---

**GRÁFICA TRENA**

www.trena.com.br  
(21) 2158-8400  
(21) 98368-4434